

# ILUSTRAÇÃO

N.º 214 — 9.º ano



CONDE DE CASTELO-MELHOR

(Desenho de ANTÓNIO CARNEIRO)



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA  
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM  
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

## O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

**Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta**

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

## MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária  
Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



# Minerva Central

## LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de **ESPAÑA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

### PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

### TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

### LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O "ROUGE" FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS

PRODUTOS DE BELEZA

**RITZ**

AGENTES: STETTEN & C.ª Lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa

## ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

## VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE ESTETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTIFICOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA  
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866



As dores de cabeça não matam, mas transformam a vida num inferno. Dois comprimidos de Cafiaspirina suprimem quasi instantaneamente as dores. São absolutamente inofensivos para o organismo.

# Cafiaspirina

O PRODUTO  DE CONFIANÇA



Grande sucesso literário:

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

# AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS—Pan e as mulheres—As inimigas do homem—Terceiro sexo—Jus sufragil—A mulher diplomata—As ideias de Madame Agata—A mulher soldado—Delegadas a Gênebra—As calças de Eva—O eleitorado das avós—A mulher jornalista—O problema do amor—Núpcias em avião—Os pais-amas—O exemplo da China—Gentlemen preferê blondes—As revolucionárias do golf—Jurisconsultos de sáias—Eva standardizada—As sinistradas da beleza—É preciso ser bela para ser feliz?—Mademoiselle Zuca—A idade dos joelhos—Nudistas—A dama do pijama verde—As : : : : amigas do homem : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado... 12\$00  
encadernado... 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

# LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

**Esc. 30\$00** — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O JÓGO DA MODA

# MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

**Esc. 3\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado .....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado .....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado .....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance — 308 págs., brochado...)	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado .....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado .....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

**Braz Cadunha** — 1 vol. br. .... 6\$00

**Entre a vida e a morte** — 1 vol enc. 12\$00; br... 7\$00

**Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br... 7\$00

*Luz Perpetua* ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elay (Diário de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diário de Lisboa*.

*Luz Perpetua* é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

**Lingua de Prata** — 1 vol. enc 13\$00; br..... 8\$00

**Meu (O) menino** — 1 vol. enc. 17\$00; br..... 12\$00

**Mudança d'Ares** — 1 vol. br. .... 10\$00

*Mudança d'Ares* é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

*Mudança d'Ares*, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

*Mudança d'Ares* é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

*Mudança d'Ares* é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

**Por terras estranhas** — 1 vol br. .... 4\$00

**Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA



# ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tódas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado . . . . . **10\$00**

Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças  
— Sports — Humorismo  
— Música — Política — T. S. F. —  
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes* — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

**JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS**

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado . . . . .	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado . . . . .	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado . . . . .	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado . . . . .	14\$00
ESPAÑHA — Nova edição . . . . .	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado . . . . .	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado . . . . .	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. . . . .	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado . . . . .	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado . . . . .	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles, e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade Lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys," — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado . . . . .	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado . . . . .	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA





Dê umas férias felizes  
ao seu organismo

Não há apetite para alimentos pesados? Experimente os Corn Flakes KELLOGG'S. Tão tostadinhos e leves que nos obrigam a repeti-los. Tão cheios de alimento que satisfazem por completo.

Coma estes flocos com leite, nata ou juntando-lhes um pouco de fruta. A qualquer hora são agradáveis: — de manhã, ao lunch ou ao deitar.

A algibeira também terá umas férias, porque um simples pacote dá para muitas vezes, e não há despesa de cozinhar.

**Kellogg's  
CORN FLAKES**



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

**FIGUEIRA & ALMEIDA**  
Rua da Madalena, 88  
LISBOA

753

SAMUEL MAIA  
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

# O meu menino

Como o hei-de gerar,  
criar e tratar se adoece

1 vol. de 326 págs.,  
ilustrado,

encadernado, 17\$00;  
brochado, 12\$00

Pedidos à

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80  
LISBOA

As edições da Livraria  
Bertrand encontram-se  
à venda na Minerva  
Central, Rua Consiglieri  
Pedroso — Caixa Postal 212  
Lourenço Marques

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveriza-  
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A aparecer:

NOVIDADE LITERÁRIA

# MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**

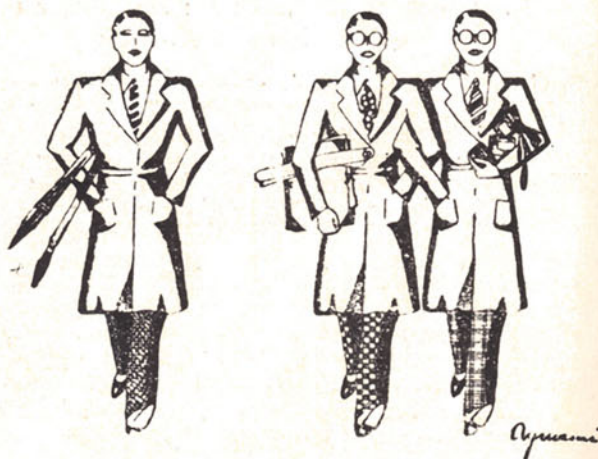
1 vol. de 320 págs. . . . . 12\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE

2 1308

**BERTRAND**  
**IRMÃOS, L.** DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

QUANDO a Espanha entrou em estado de mal convulsivo, aqui se exarou, que não havia a reear a dissolução, ou morte desta nossa estimada irmã e vizinha.

Tal conceito baseia-se na persistência de uma alma latina e céltica que de milénio para milénio se transmite e pode considerar imortal, ou pelo menos tão duradoura como a terra onde as gerações se perpetuam; dela vem a força que permite assegurar uma continuidade de estrutura moral e sentimental independente das interpretações políticas, sistemas, regimens, crenças que eventualmente se sucedam.

Existe neste recanto do globo um ser humano, acondicionado pelo humus, ligado ao seu convívio íntimo, por um anseio de posse radicado no sangue, na medula, em toda a carne, de que deriva o feitiço próprio do ser social aqui formado. Há um homem peninsular no corpo e no espírito, eterno através das eras, sedentário, dono do chão, adorador da luz ocidental que muito bem se distingue do mordico, ou do oriental nómada, sem instinto de lavrador, desprendido da terra, alheio ao amor por ela.

Ésses os motivos que levaram a concluir que a Espanha depois de sofrer e convulsionar-se regressaria à quietude ancestral, ao ritmo de sempre.

A última crise que atravessou assim o mostra.

Reunidos todos os elementos de dissociação, movidos por tendência estranha à índole da raça, aos costumes, aspirações nada realizam no ataque feito com o maior do seu potencial. O ímpeto de violência extrema quebra contra uma resistência de rochedo, constituída por essa alma céltica, romana, goda, hoje encarnada no habitante do território espanhol.

Foi essa constante que venceu, como outra similar venceu na Itália com Mussolini, na Rússia com Estaline, na Alemanha com Hitler.

O contrasenso aparente de o aglomerado moscovita se entrometer no panorama vem de o episódio comunista representar a continuidade do que sempre existiu naquele distrito do globo, onde nunca houve uma nação, nem uma raça, ou alma com característica própria e inconfundível.

A Espanha saiu vitoriosa da anarquia, do bolchevismo por trazer nas veias globulos afeitos a uma ordem, ou arrumação impossível dentro daquelas práticas. Venceu esta como vencerá as que se seguirem, até readquirir a calma, ou apirexia que sucederá à febre actual.

Padecerá ainda novos acessos de hipertermia, com crises epilépticas, san-

## CRÓNICA DA QUINZENA

gueira pelo nariz como os últimos observados. No fim reaparecerá o peninsular tranquilo, amante da sua liberdade, do seu bem adquirido, da sua alegria estrepitosa.

Os que em Oviedo incenariaram egrajas e queimaram padres vivos, terminada a façanha confessaram-se e comungaram. O episódio define a Espanha toda, pois mostra a influência de uma ancestralidade que prevalece sob quaisquer sugestões de superficialidade.

Em França caiu sem graça e sem ruído o governo circunstancioso de Doumergue, feito de encomenda para impedir a crise latente do regimen.

O sorridente Cincinnati, a quem se atribuía energia e decisão pouco vulgar, abandonara a rabiça do arado para meter na ordem a desvairada cousa pública.

No fim de oito meses de gestação apenas se anunciou o Natal do Estado novo, turvaram-se os ares; do oriente trovejaram os comunistas, socialistas e demais marxanteria; do ocidente relampejaram os realistas, os feixistas, os republicanos limpos e sujos. E quando se previa fatal a tormenta, saíu do monte grávido o murganho inesperado. Cincinnati sem ter realizado nada do prometido abalou obscuramente para as suas rêlhas.

Sente-se que partiu menor do que viera.

Teria ao menos a sua influência desviado o perigo eminente de uma grave convulsão política?

As causas que existiam, não desapareceram. Persiste a gafeira dos partidos, a falsificação da democracia, o lúdbrio da consciência pública. O que provocou os acontecimentos de fevereiro e a chamada do salvador, não se alterou.

Esperava-se que a sua partida fôsse o sinal da eclosão do conflito. Sucedeu um silêncio nesta hora difícil de interpretar. Indício de alta tensão emotiva, precursora de tragédia, ou serenidade imposta pela ameaça exterior?

O francês possui uma consciência publica, ou sabedoria colectiva superior à de qualquer outro povo. Nenhum o iguala na capacidade de entender o motivo de força maior nacional.

Assim apresentado talvez que a iminência do plebiscito, com as incógnitas nêle contidas, bastasse para adiar as sanções decididas que oportunamente se aplicarão aos prevaricadores. Se tal acontecer haverá a registar um exemplo de excepcional nobreza, nunca presenciado até hoje. A história não conta nada de comparável, decerto por ser a primeira vez que no mundo existe formado um espírito público dêste quilate.

Esperemos mais um pouco para decidir se a civitas francesa é ou não a criação suprema que acaba de descrever-se.

Publicaram-se os éditos e vamos ter uma Câmara Representativa de novo modelo. Como será?

Elegem-se os deputados que vão reunir em S. Bento, pedir a palavra, discursar, emitir votos. Em que se distinguem dos anteriores?

Simplesmente na incapacidade de derubar o governo.

Que se considere muito, ou pouco é o que se apura de prático.

Talvez não falte quem repute de somenos valia a diferença. Pertence ao futuro mostrar o ganho obtido. Devemos contentar-nos com êste resultado modesto, acrescido por certas possibilidades de crítica, sem desvairar na aspiração desmedida de possuir uma câmara corporativa como alguns ambiciosos supõem. Nada de perder o tino, ou sentido das proporções. Uma câmara dessas não se improvisa, nem se prepara por decisão brusca da vontade. Para tanto carece-se primeiro de preparar deputados com espírito corporativo que custa mais a adquirir que um curso superior. Acrescente-se ainda que não a alcança quem quer.

A sua formação admite um acto de renúncia, livremente consentido e estimado, para adquirir um pensamento e procedimento de sentido colectivo.

O preparo indispensável ao êxito de tão bela perspectiva vê-se que exige esforços demorados. Demanda lição, treino, prática e aptidão natural.

A grande novidade da quinzena foi o anúncio do novo parlamento que a todos os investigadores de fenómenos sociais interessará sobremaneira observar quando o puzerem em exercício.

Samuel Maia.



# SINFONIA DO INVERNO



a impressão de que se não houvesse Inverno a gente não envelheceria nunca.

Aquela neve, que começa por cobrir o cume das montanhas e vai descendo, descendo até à planície, é que nos entorpece, nos encanece e nos mata. Começa por embranquecer-nos a cabeça e acaba por enregelarnos o coração.

Chove. A chuva é o pranto das nuvens que se condõem das nossas amarguras. Não é em vão que erguemos os nossos olhos até elas, ora idealizando castelos no seu dorso avermelhado pelo sol poente, ora suplicando um leito macio no seu seio de arminho que as carícias do plenilúnio prateiam.

As nuvens compreendem-nos e sofrem com a nossa miséria. Nada podem fazer por nós porque são tão fracas como a nossa existência neste vale de horrores — e por isso choram.

Chove.

Como o Inverno é triste e como é cruel!

A chuva — crepe branco que se liquefaz, pranto abençoado das nuvens compassivas — continua a cair nas pedras da calçada, enregelando os pezitos nús das crianças que não têm pai nem mãe e por ali vagueiam como anjos engeitados.

Chuva... frio... dor... melancolia... angústia...

Quem é que não sentiu, num dia de inverno, a tristeza infinita da chuva que ainda nenhum maestro conseguiu interpretar a rigor? Todas as almas a entendem, mesmo as mais rudes e as mais despidas de sensibilidade.

O que Beethoven não soube segredar-nos, o que Haydn, Grieg ou Schubert não conseguiram fazer-nos compreender, lê-se ainda naquela vidraça tósca, tracejada pelas cordas subtis da chuva e sacudida pelo palpitar duma força misteriosa que canta, que chora, que uiva e que suspira.

Quem é que não sabe ler essa partitura que, sendo tão velha como o mundo, terá sempre harmonias novas a atraí-los e a entristecer-nos?

Sentimos a nostalgia dum mundo longínquo donde viemos e ao qual havemos de voltar, um dia, sem sabermos como nem quando.

Néva.

As folhas secas, que foram verdes como esperanças, caem mirradinhas, uma a uma, como ilusões mortas.

Néva sempre...

A neve cai lentamente sobre as raras flores, camada sobre camada, como se tombasse sobre as nossas almas desiludidas.



E o imortal Poeta do "Luar de Janeiro", cada vez mais perto de nós, ensina-nos a compreender:

*Fui ver. A neve caía,  
Do azul cinzento do céu,  
Branca e leve, branca e fria...  
— Há quanto tempo a não via!  
E que saudades, Deus meu!*

*.....  
E uma infinita tristeza,  
Uma funda turbção  
Entra em mim, fica em mim presa.  
Cai neve na natureza...  
— E cai no meu coração.*

Quem é que não sabe compreender a balada da neve?

Logo de manhãzinha, a Natureza apresenta-se toda branca como uma virgem defunta que estivesse para ser levada ao cemitério e à qual tivessem envergado, numa derradeira homenagem, o vestido dum noivado que não chegou a realizar-se. Aos pés do fêretro colocaram uma braçada de crisântemos mortos, queimados pela geada da noite.

Luto branco... neve... fumo... consumpção... nada...

É assim a vida e assim há-de ser eternamente. Valerá a pena viver? Os sorrisos efêmeros da Primavera compensarão as tristezas lancinantes do Inverno? Felizes os que se vão, sumindo nas sombras insondáveis do Além-Túmulo!

Bendito seja o Inverno que os fez partir!

Bendita a neve que lhes serviu de mortalha!

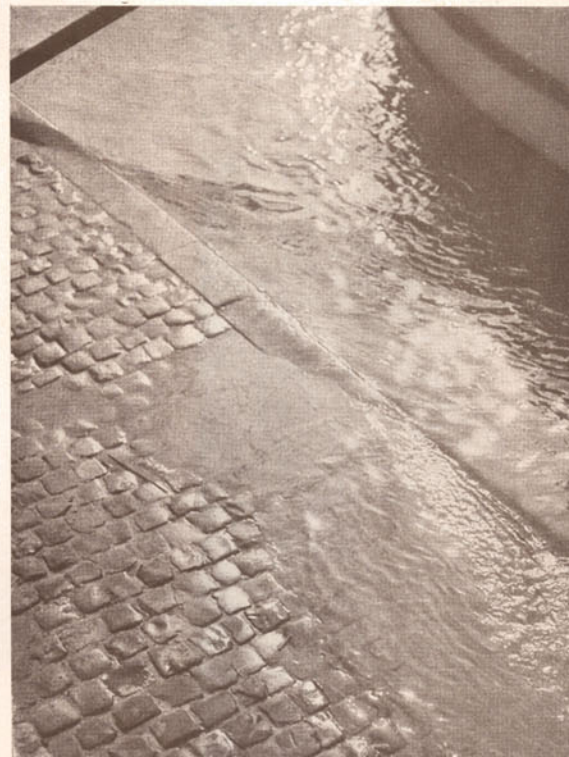
Não tenham pena de quem morre porque as almas dos que partem são como as aves migradoras que, ante a aproximação da invernía, vão à procura de melhores paragens.

Lembrem-se de que os físicos, ao chegar o Outono, começam a emigrar com as andorinhas.

Talvez voltem — quem sabe? — mas a dúvida subsiste. A Primavera radiosa que agitou os espíritos dos sábios sucede sempre o Inverno desolador que entorpece... Nas noites frias de Novembro não faiscam fogos fátuos.

Noite... horror... mistério... treva...

Gomes Monteiro



**C**HEGOU o Inverno com os seus frios e as suas tristezas.

A Natureza lembra uma cortesã foliona que, ao regressar duma orgia, fôsse conduzida, ainda meio embriagada, junto do leito da agonia dum amigo querido.

O Ano de 1934, que teve os risos da Primavera, as doçuras do Verão e as delícias do Outono, está moribundo. Já poucos dias lhe restam de vida.

Reparem no aspecto da Natureza. Sem dar por isso, achou-se despida das suas galas ridentes e festivas e viu-se coberta de crepes brancos de neve.

Como o Inverno é triste e como é cruel!...

Quando o Outono começa a fazer as suas despedidas, surge a efémera quadra do Verão de S. Martinho que representa a *visita de saúde* do Ano que está para morrer.

E' nesta altura que o mês de Novembro, ainda orvalhado das lágrimas do Dia de Finados, tenta disfarçar a sua tristeza com alguns afagos de sol, sol de Inverno que, na definição do Poeta,

*dá muitíssima luz, mas não aquece nada.*

Como o Inverno é triste!

A' chegada dos primeiros frios sentimo-nos invadidos por uma tristeza imensa e irremediável. Temos até



# FIGURAS E FACTOS

Homenagem dos ex-combatentes gregos ao Soldado Desconhecido Português



COMEMORANDO o aniversário do armistício na frente ocidental que obrigou os Exércitos dos Impérios Centrais a deporem as armas perante as tropas gregas e aliadas, o sr. capitão de artilharia grego G. L. Nicoláides depõe no dia 4 do corrente, no pedestal do Monumento aos Mortos da Grande Guerra na Avenida da Liberdade, uma corôa de louros como homenagem dos combatentes gregos ao Soldado Desconhecido Português.

O sr. Nicoláides que veio ao nosso país em missão oficial, é delegado dos combatentes gregos na «Fidac» de Paris. Era acompanhado na cerimónia da deposição da corôa pelos srs. Artur Brandão cônsul geral da Grécia em Lisboa e Emmanouel Pappamikail, secretário do mesmo consulado. O valoroso militar grego ostentava grande número de condecorações entre as quais se destacavam as de oficial da Legião de Honra, da Ordem de S. Salvador e da Ordem da Bravura com palmas, a Cruz de Guerra grega e as medalhas militar, inter-aliada e do Santo Sepulcro ortodoxo. Nas fitas azuis e brancas da corôa que depôs junto ao monumento lê-se, a letras de ouro, a seguinte legenda: «Os combatentes gregos 1912-1922 ao Soldado Desconhecido Português».

Vem a propósito recordar, por ser pouco conhecido, o importante papel que a Grécia desempenhou na vitória de 1918. Entrando na guerra em fins de 1917, a favor dos Aliados, depois de organizar as suas tropas conseguiu atirar para os campos de batalha de Salónica uns quatrocentos mil homens que, coadjuvados pelos restos do exército sérvio e por tropas coloniais da França e Inglaterra e à força do heroísmo tradicional, desfizeram a lenda de invencibilidade dos alemães varrendo-os na sua frente na célebre batalha do «Skra di Legen», que os militares aliados denominaram de «Marne do Oriente», batalha travada e ganha exclusivamente por tropas gregas e artilharia inglesa.

Não descansando sobre os louros colhidos, os gregos, depois duma série de batalhas, desalojaram os centrais da Macedónia e entraram na Bulgária, marchando sobre Sofia, o que obrigou o Governo daquele país a pedir o armistício sem condições, motivando assim o pedido de armistício da Austria e obrigando a Alemanha, que se via só, a depor as armas na frente ocidental.

Brito Camacho



Dr. Arlindo Camilo Monteiro

O ilustre sábio que tão extraordinariamente se revelou no famoso estudo *Amor sáfico e sócrático* não se limita a dissecar os grandes vultos do passado. O seu bisturi entra nos pequenos vivos e dilacera-lhes as entranhas impantes de vaidade. O seu último trabalho *Desvates dum plagiário* patenteia bem a dureza da sua análise e a firmeza do seu pulso. Um novo e magnífico triunfo.



Rocha Martins



Mário de Artagão



O festejado escritor Mário de Artagão acaba de publicar um novo livro — *Hellada, ninho dos deuses...* — que é formado por 110 páginas magníficas cheias de beleza e de ensinamentos preciosos. O inspirado autor das «Rimas pagãs», ao começar esta sua palestra prosódica, leva-nos pelo braço num passeio agradável e útil através dos campos floridos do saber. Seguindo-o, temos tudo a lucrar: ler boa prosa, delectar o espírito e aprender muitas coisas que ainda nos faltam.

O livro «Contos selvagens», último trabalho do saudoso escritor dr. Brito Camacho, é constituído por três narrativas sugestivas, impressionantes, escritas nessa linguagem vibrante e pitoresca que sempre lhe conhecemos. Se nos seus livros anteriores nos apresentou o Alentejo como ainda nenhum outro escritor conseguiu, neste último — e desgrazadamente o último! — focos quadros da vida africana em que se debatem, entre realidade e fantasia, as paixões violentas até à ferocidade, tendo ainda o cheiro bravo dos sertões de África e o mistério insondável da alma dos negros. Sempre o mesmo o nosso querido dr. Brito Camacho: até mesmo nas cenas mais realistas visa sempre um fim moralizador. Ao deixar este mundo, o ilustre escritor quiz deixar-nos uma deliciosa lembrança — e encerrou a sua obra já vastíssima com uma verdadeira chave de ouro.

A prosa de Brito Camacho pode ressentir-se, por vezes, dum certo desleixo que, de resto, foi um fraco do seu autor. Mas tem páginas esplêndidas dum lirismo cheio de emoção, páginas que escreveu ao correr da pena e que não torturou como tantos outros consagrados. O que escreveu saiu-lhe espontâneo, e, por isso mesmo, maior é o seu valor.

Na obra de Brito Camacho — podemos dizê-lo — muitos estilistas que se prezam terão alguma coisa que aprender.

NINGUEM como Rocha Martins sabe contar-nos a História de Portugal. As suas páginas prendem cada vez mais, à medida que vão sendo lidas. Não se detem com o cortejo de citações sêdicas que originam polémicas estêreis de caturções. Mestre Rocha Martins senta-se à lajeira da nossa saúde e vai contando, contando, numa vivacidade encantadora, o que fomos e o que somos. E tão bem sabe contar, que todos os portugueses o entendem.

O seu último livro «Os dramas da Liberdade» é outra maravilhosa narrativa que todos nós devemos ouvir. O eminente historiador vai falar-nos nos Mártires da Pátria, nas forças da Praça Nova e nos executados do Cais do Sodré... É nosso dever ouvi-lo, pois ninguém como êle sabe contar o nosso passado de que tanto nos orgulhamos, embora conhecendo-o tão mal.

Ninguém como o insigne autor das crónicas de D. Carlos I e de D. Manuel II sabe ilucidar-nos sobre a grande verdade que nem sempre é divulgada com a exactidão que seria para desejar. Por isso, todos devemos ouvir Rocha Martins, o único historiador que ainda nos resta e o mais popular de todos os divulgadores que, descendo ao sorvedoiro do passado, volta em breve com as mãos cheias de pérolas que vai atirando a todos, bem prodigamente muitas vezes.



# AS CICATRIZES DA VIDA

**V**IVER, é combater. E, nessa luta permanente, corpo e alma são marcados, que rara é a ferida que a vida nos faz que não deixe cicatriz indelével.

Para uns, esse combate é uma brincadeira de crianças que fingem guerras; para outros, é uma guerra autêntica contra a sorte e contra vários impecilhos que se lhes atravessam no caminho, a cada passo andado.

Mas, mesmo brincando, a gente magoa-se, sem querer e o arranhão deixa sinal, deixa-o com certeza.

E, em tal luta, corpos e almas se digladiam, na conquista da glória muitas vezes, e sempre no amearhar do pão de cada dia.

Nos primeiros anos de juventude, quando tudo nos parece côr de rosa e fáceis todos os empreendimentos, ninguém calcula como o tempo ha-de pesar mais tarde sobre si, e fanar essas côres resplandescentes de vitória espiritual e de beleza física.

Quando nos vemos ao espelho, nós as mulheres, sobretudo, escravas da garridice, se pudéssemos descortinar, na sombra da nossa radiosa mocidade, os traços fatigados que o futuro nos reserva, sentiríamos secar-se nos lábios a fonte dos sorrisos.

Mas em nossas cabecitas, tresloucadas pela alegria de viver, não ha ainda lugar para apreensões nem dúvidas. Tudo é optimismo.

Só quando esse espelho nos mostra o primeiro cabelo desbotado e aquela rugazita mal definida que acentua o canto da bôca, é que já se começa a pressentir a morte de todas as coisas bôas que nos oferece a mocidade, e lançamo-nos então numa batalha sem tréguas contra o tempo inclemente e feroz.

E manhosamente, rindo á sucapa de toda a nossa metralha de defesa, o tempo vai continuando a sua obra de destruição.

Embora lentamente, mas certamente, os seus golpes continuam lavrando o rosto, envolvendo-o numa redezinha de cicatrizes que se vão, pouco a pouco, ramificando, até á aparência de pergaminho que oferecem aquêles que viveram uma longa e bem formada vida.

Se fôssem só as feridas do corpo que nos ameaçassem durante a nossa passagem pela Terra, se fôssem só essas a recear, bem nos iria.

Bem sei que custa muito, que é uma tortura a perda de todos os nossos encantos, que arrastam consigo a perda do

amor — a maior razão, da nossa existência.

Bem sei que é o mais cruel dos tormentos, assistirmos á derrota do nosso exército de artifício para suprir a verdade que já não é possível, mas a dôr é suportável.

Com resignação e uma certa elegância moral, podemos continuar vivendo de uma forma agradável.

O pior são as outras rugas — as cicatrizes de outras feridas mais profundas e dolorosas que a vida nos rasga.

O pior são as máguas, as desilusões que nos vão enchendo a alma, á medida que aumenta a nossa colheita de sensações.

Tanta maldade e tanta infâmia se amontôam, ante os nossos olhos ávidos de luz e de beleza, que o nosso coração se vái transformando em cemitério de sonhos e esperanças de ventura.

São estes os estragos que mais nos assinalam e mais profundamente nos martirizam — os estragos do nosso espírito.

Essas cicatrizes é que não querem dizer que a ferida sarou.

Essas cicatrizes precisam vigiadas cuidadosamente, para que não abra e sangre de novo a chaga que sentimos sempre palpitante e viva, em nosso peito.

Cicatrizes da vida no rosto têm ainda o recurso de um consultório de beleza,

para quem tiver tempo e dinheiro a dispendir.

Com as cicatrizes da alma não há nada a tentar.

Nunca mais passam, não há massagens que as apaguem, principalmente quando nos marca o ferrete da desventura, que é o ferro mais quente de que a vida dispõe.

Se não fôsse o lenitivo da recordação de algumas horas felizes, quem poderia seguir vivendo, assim pungido?

Ah! mas não pensem que a ferida não dóe, sob a acção desse bálsamo dôce que é a lembrança.

Dóe, porque é saudade. E ter saudade é sofrer.

E, então, quando essa saudade tem que ser sempre saudade, e não pode nunca mudar-se em novos júbilos, dóe ainda mais.

Dóe, mas faz-nos bem, essa dôr. É o tal "delicioso pungir de acerbo espinho".

Mas é bom que as mocidades não pensem, que se deixem entontecer pela ilusão da felicidade.

Tempos virão em que o seu quinhão de sofrimento lhes ha-de ser repartido.

Entretanto, cantem, dansem e abram o coração ao amor.

É fazer como aconselha António Nobre, nesta quadra aqui muito a propósito:

Ó fogueiras, ó cantigas,  
Saudades! Recordações!  
Bailai, bailai, raparigas!  
Batei, batei, corações!

E, ao largo, as tristezas...

Mercedes Blasco.







O conde de Castelo Melhor despedido-se de Afonso VI, após o golpe de Estado que encarcerou o soberano

criança enfezada de corpo e de espírito.

No entanto, o conde expiava-a na sombra. Como o pequeno soberano tivesse uma grande tendência para garotar na rua, arremessando pedras a quem passava, o conde influiu no espírito da rainha e necessário côbro a tais levandades. Pouco depois, António Conti e seu irmão João, filhos de um mercador genovês, e companheiros do jogo da pedra em que o jovem soberano se empenhava, foram desterrados para o Brasil. A rainha cedera finalmente, entregando o filho à tutela do conde de Castelo Melhor que passaria a ser o verdadeiro soberano.

No dia da proclamação de Afonso VI, o dr. António de Sousa Macedo, tão incompetente membro do conselho da fazenda como hábil li-

sonjeador, desdobrara um longo discurso, exaltando as raras virtudes do novo rei.

"Lograremos — dizia ele — um Afonso Henriques na religião, um Sancho I na piedade, um Afonso II na prudência, um Sancho II na benignidade, um Afonso III na indústria, um Diniz na liberalidade, um Afonso IV na fortaleza, um Pedro I na justiça, um Fernando no esplendor, um João I na constância, um Duarte no zelo, um Afonso V no valor, um João II na prudência, um Manuel na resolução, um João III no amor, um Sebastião na magnanimidade, um Henrique na devoção e um João IV na boa fortuna.."

Toda a corte teria ouvido com o maior respeito este chorrilho de diparates. Devia ser do rito. Apenas o Castelo Melhor teria sorriso como que a agradecer uma tão eloquente homenagem que só a ele poderia ser dirigida.

Toda a gente o admirava pela sua bravura que tantas vezes puzera à prova em rixas nocturnas e sem se deixar filar pelos aguazis da ronda. Uma noite, por uma questão fútil de taberna, matou com uma estocada o seu amigo conde de Vimioso, que também não era para graças.

## POLÍTICO E ALQUIMISTA

# O feitiço do Conde de Castelo Melhor

## Aventuras e ambições dum português do século XVII

Manifestou-se ainda como cabo de guerra, vencendo os espanhóis no Ameixial e Montes Claros, vitórias que lhe renderam um farto espólio.

Mas a ambição do conde não estava ainda satisfeita. Tendo-se apoderado do país, desejava alastrar-se além fronteiras, e, quando não houvesse mais mundo, ficaria namorando as estrêlas como Alexandre Magno, que via nelleos novos mundos a conquistar.

Oiro, muito oiro, eis o seu sonho.

Quando o rei, seu pupilo, casou com a pérfida Maria Francisca de Saboia, a posição do conde sofreu um abalo. O infante D. Pedro, cubiçando a cunhada, desejava ardentemente usurpar a corôa ao irmão.

No dia 5 de Outubro de 1667 invadiu os passos reais com os seus partidários e impôs-se ao soberano.

Dias antes o conde de Castelo Melhor havia tomado o rumo dos Capuchos de Torres Vedras, devendo seguir dali para Pombal. D. Pedro passara-lhe um salvo conduto, garantindo-lhe a segurança pessoal, mas isto não obstruía a que lhe mandasse no encaço Francisco de Albuquerque com um esquadrão de cavaleiros com o fim de darem cabo dele.

Albuquerque, como lhe repugnasse tal missão, seguiu com todo o seu vagar, a fim de dar tempo a que os parentes do conde o avisassem. Informado da cilada, o perseguido foi refugiar-se no mosteiro do Buçaco.

Começou a batida que durou vários dias. D. Pedro açulara duzentos sicários que, farejando o paradeiro do fugitivo na mata, levaram o seu zelo a querer deitar-lhe fogo. Ante uma tal selvageria protestaram os monges, metendo-se na mata para morrerem com ela, tal era o amor que lhe tinham.

O ardid deu o desejado efeito. Os emissários do rei desistiram do seu intento e regressaram a Lisboa.

O conde conseguiu atravessar a fronteira e, instalando-se em Osuna, começou a suplicar ao soberano que lhe concedesse o perdão duma falta que não cometera.

Para o comover, dizia que estava reduzido à maior miséria "numa cabana,

despido e descalço, comendo umas coves e um pouco de brôa.."

Outras vezes, citava proezas de taberna, especializando uma em que defrontara seis espanhóis fanfardões e a todos fizera morder a poeira da calçada. Todas estas narrativas, aliás verificadas, eram encerradas pelos seus mais sinceros protestos de dedicação e fidelidade ao rei D. Pedro II, cujas orelhas, êle, bem no seu íntimo, desejaria trincar...

E assim passou desoito longos anos, ora em Espanha, ora em França, ora em Itália, e finalmente na Inglaterra, onde conseguiu insinuar-se no ânimo de Carlos II que o tratava por primo. A rainha, irmã de D. Pedro II de Portugal, dispensava-lhe também uma grande afeição.

Sempre orientado pela sua ambição que não conhecia limites, o conde de Castelo Melhor voltou com mais afincio aos seus estudos de alquimia.

O seu desejo de possuir oiro levava-o a procurá-lo, fôsse onde fôsse e como fôsse.

Sentia uma necessidade enorme de surpreender os segredos do poder criador da Natureza e reproduzir os corpos pelo conhecimento das leis que presidiram à sua formação.

Fabricar oiro, muito oiro, himaláias de oiro, sem ser necessário descer às entra-nhas da terra a arrancá-lo penosamente, grama a grama, e, por fim, descobrir o elixir da longa vida para poder gosar tóda essa riqueza!...

Lindo sonho! Paracelso, nos seus tratados, não andava muito longe da pedra filosofal, considerando os elementos constitutivos dos metais como medicamentos universais capazes de fazerem rejuvenescer os velhos.

O próprio Roger Bacon dava isto como certo.

E o conde deixava-se enlevar nesta miragem.

Frantz Funck-Brentano, no seu livro "Le drame des poisons", atribui-lhe grande valor como alquimista, tratando-o por "Louis de Vasconcelos y Sousa, comte de Castelmelhor, qui avait réellement gouverné le Portugal pendant cinq ou six ans, comme favori d'Alphonse VI.."

Diz ainda Funck-Brentano que foi o

conde de Castelo Melhor quem deu a Bachimont o segredo do "rouge dans le verre", que maravilhou os técnicos do seu tempo.

Carlos II de Inglaterra era também um alquimista apaixonado que auxiliava com todo o entusiasmo as pesquisas do seu amigo Castelo Melhor. Êste, por sua vez, sentia-se triunfar novamente. Nisto, o monarca adoeceu gravemente, chegando a dizer-se, à boca pequena, que fôra a rainha quem lhe propinara veneno para se ver livre dele. Castelo Melhor assistiu aos ultimos momentos do seu querido protector, levando o seu zelo religioso a convertê-lo à fé católica, para o que chamou um sacerdote que lhe administrou a extrema-unção.

Em boa verdade, o conde dispunha dum poder estranho que o fazia triunfar como ninguém.

Em meio duma corte protestante, rodeado de inimigos e invejosos, tomou a peito a defeza da rainha e não descansou enquanto não fez ressaltar a sua inocência no lamentavel fim de Carlos II.

O conde tinha feitiço.

Temiam-no e não atinavam com a razão do poder mágico que parecia envolvê-lo. No entanto, se meditassem um pouco, ter-se-iam lembrado dum outro português que, três séculos antes, apparecera na corte inglesa a desagrar as damas ofendidas.

Êsse poder mágico residia apenas na coragem. De que serviam os filtros preparados durante anos e anos, se o oiro teimava em não apparecer, apesar do apêlo instante e aflitivo de mil e uma reacções?

Quando a viuva de Carlos II, grata ao seu defensor, lhe conseguiu autorização para regressar a Portugal, o conde de Castelo Melhor estava velho. Decorridos anos, D. João V, succedendo a seu pai, ofereceu ao titular alquimista um lugar no Conselho de Estado. Era muito

O laboratório dum alquimista no século XVI



tarde já. O terrível espadachim das tabernas tinha os cabelos todos brancos e sentia fraquejarem-lhe as pernas.

Tinha perdido o feitiço!

Restava-lhe a recordação dos seus feitos que, em boa verdade, eram dignos de especial registro.

Das montanhas de oiro que tanto ambicionára nada tinha conseguido. Voltára mais pobre do que nunca e com a cerviz mais curvada à fôrça de duplicar clemência ao seu mais feroz inimigo.

Contaria as suas proezas aos netos que talvez julgassem estar ouvindo as façanhas prodigiosas algum dos Doze Pares de França, mas não lhes revelaria nunca a sua trágica aventura do Jôgo da Pela, em que atravessou com uma estocada o coração do seu amigo Conde de Vimioso.

Quantas vezes lhe teria aparecido o espectro da sua vítima — belo rapaz de olhos leais que não tivera culpa de merecer as simpatias do príncipe herdeiro D. Teodósio — e então sentira remorsos da sua vil acção.

Lembrava-se de ter acompanhado, nessa fria noite de Abril, o esbelto D. Luís de Portugal, como se seu amigo fôsse, e de ter aproveitado uma futilidade para o forçar a bater-se num duelo que lhe havia de custar a vida.

Batera-se lealmente, é certo, mas o seu desafio não fôra impellido pela ânsia de vingar uma afronta, mas pelo desejo de se ver livre dum rival perigoso que poderia entrar-lhe as suas ambições.

Triste vida fôra a sua! Por fim, velho e desiludido, ao evocar o seu passado distante, via misérias mesquinhas e trações sombrias de que só tinha a envergongar-se.

Do feitiço que tanta vez o protegeu e de que tanto se orgulhava, dêsse nem valeria a pena falar...





O anjo caído que encerra a Fonte Monumental do Parque de Madrid, único monumento levantado ao Diabo em todo o mundo

didada que iam sendo dilaceradas, o arcanjo rebelde sentia arfar-lhe o peito numa ânsia tenaz, poderosa, indomável de se vingar,

ânsia que o torturava mais do que todas as bicadas das aves de rapina existentes no mundo, uma ânsia diabólica de se sobrepor a todas as majestades do Ceu e da Terra.

Começou logo a conquistar adeptos que deslumbrava com tentações mirabolantes. A sua audácia levou-o a procurar Jesus no alto da montanha em que cumpria a sua quarentena de jejum.

Se conseguisse tentar o Rabbi nazareno poderia dar-se por bem vingado, visto que teria atingido Jehovah no seu coração de pai amantíssimo.

Destá só o Diabo se poderia lembrar...

Não desistiu, no entanto, em face deste primeiro insucesso. Jesus voltou a ser tentado no horto de Gethsmani, ao fraquejar ante a visão do afrontoso suplício que o ameaçava, murmurando numa súplica: «Pai, se é possível, aparta de mim esse calix», para logo se conformar numa resignação de mártir, ao balbuciar por entre suores de sangue: «mas que se faça a tua vontade e não a minhas».

Tornou a ser tentado, ao gritar desesperado nos seus derradeiros e atormentados momentos: «Pai, porque me abandonaste?» grito que pouco depois era ungião pelo estoicismo divino do «Consumatum est».

Mas o Diabo não desistiu da sua obra e continuou a espalhar pelo mundo as suas tentações sempre belas e sempre atraentes.

Nem os Papas escaparam aos seus sortilégios formidáveis. Bento VIII, Bento IX, João XXII e Gregório VII foram considerados bruxos e dotados dum poder diabólico.

O nosso Pedro Julião que, tendo nascido em Lisboa, foi parar a Roma como médico do papa Gregório X, e conseguiu sentar-se na cadeira de S. Pedro com o nome de João XXI, não se livrou da fama de ter pacto com o Diabo. Sendo ele um sábio tão notável que mereceu o epíteto de «Letrado Universal», não admira que, nesse tempo ingrato, os prodígios da sua ciência fôsse atribuídos a artifícios infernais.

O Satan, prends pítit de ma longue misère!

Já o profeta Isaias se inspirava na sua beleza de anjo rebelde, chamando-lhe «filho do amanhecer».

S. João colocou o no seu «Apocalipse» como o «anjo do abismo» e «grande dragão vermelho», concedendo-lhe assim um poder capaz de abalar o mundo.

S. Paulo, falando um dia aos efésios, aludiu à majestade do Diabo, dando-lhe foros de «príncipe das potestades do ar». Não será, portanto, descabido que, mais dia menos dia, o proclame patrono da aviação.

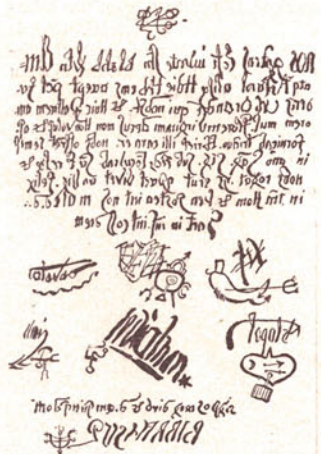
O Diabo, segundo a lenda, foi um dos mais poderosos arcanjos da corte de Jehovah. Um dia, farto de sujeições, aspirou a ser livre e adoejou em toda a amplitude do azul celeste, subindo muito acima do trono do Altíssimo.

Voaram contra ele as legiões do arcanjo S. Miguel, e, após encarnação combate que durou muitos séculos, o rebelde foi expulso da face do Supremo Criador do Universo e atirado para as profundas do Inferno.

Em meio das trevas, o anjo rebelde ruminou um engenhoso plano de emancipação. Os seus perseguidores, menos cautelosos do que os legionários de Zeus, não o tinham encadeado às montanhas do Causaso, à semelhança do que acontecera a Prometeu, o revoltado excelso que, para beneficiar os homens, fôra roubar ao ceu o fogo criador para os aquecer e animar.

Estava livre!

Mas, se, como o outro, não tinha uma água a devorar-lhe as entranhas que renasciam à me-



Fac-símile do pacto de Urbano Grandier com o Diabo. Está escrito ao contrário, podendo ser lido por meio dum espelho.

# O eterno caluniado

## O diabo — «Príncipe das potestades do ar»

O famoso monge Gebert, mais tarde Silvestre II, subiu ao pontificado, segundo corre, graças a um pacto que firmou com o Diabo. O seu reinado foi próspero, mas ao poderoso Satanaz tudo era possível.

S. Dunstano, que foi um virtuoso arcebispo de Canterbury, foi também tentado pelo Demónio. Uma noite, estando a escrever algumas das melhores páginas dos seus «Cânones», descobriu o anjo das trevas que o fitava em ar de desafio. Possante como era, o bondoso prelado deitou a mão a uma tenaz que lhe servia para mexer a braseira, e agarrou com ela o nariz do infeliz demónio. Tratava-se, ao que parece, dum ardiloso larápio que, desejando roubar o arcebispo, se disfarçara de mafarrico para o assustar. Não contou com a serenidade do roubado, nem com os seus músculos de aço, nem com a tenaz que tinha as pontas em brasa, e foi esse o seu mal e o mal do seu nariz.

Formou-se então a lenda, e, desde então para cá, não houve cardeal, bispo ou simples presbítero que não se gabasse de ter filado o Anjo Mau com a laçada da estola, aplicando-lhe, em seguida, um bom par de açóites, como se dum criança traquina se tratasse.

A lenda foi-se arreigando tão profundamente que já nada acontecia no mundo que não fôsse atribuído ao Diabo.

Após a narrativa da «Dama de Pé de Cabras», outras se seguiram não menos engenhosas e que tiveram como remate a picaresca história do galego engendrada por Garrett, num momento de bom humor.

Chegou o momento de dar ao Diabo o que é do Diabo e a Deus o que é de Deus.

A culpa atribuída ao príncipe das trevas na desgraça do doutor Fausto tem grandes atenuantes. Segundo o libelo acusatório, Fausto, sedento de prazer e também de ciência, vende a sua alma ao Diabo que, em troca, se compromete a auxiliá-lo durante vinte e quatro anos. Cumprindo o contracto, o Diabo proporcionou-lhe toda a espécie de voluptuosidades e dá-lhe a chave dos segredos da cosmogonia, da alquimia e da feitiçaria.

Por sua vez, Fausto dá mostras de pouca seriedade tentando escapar-se ao cumprimento do combinado, no que é impedido pelo Diabo que lhe sonda os mais íntimos pensamentos. Ao terminar o prazo estipulado, o doutor Fausto entregou-se, consoante a letra do contracto, à disposição do seu apoderado.

Até aqui verifica-se que o Diabo é um fiel cumpridor da sua palavra e que a sua assinatura, feita em sangue ou em tinta de enxofre, merece o crédito de todas as pessoas honradas da nossa praça.

Quiseram caluniar o Diabo imputando-lhe a triste sorte do padre francês Urbano Grandier, que morreu vivo em 1590, numa das praças de Loudun.

A verdade é que o padre Grandier possuía uma grande inteligência e um tremendo fraco pelas mulheres. Enquanto os seus triunfos científicos lhe criavam grande número de inimigos, a sua ligação com a formosa Madalena de Brou acarrotava-lhe os ódios vivos de centenas de

invejosos. Daí a invenção dum pacto com Satanaz, visto a natureza humana não poder ir tão longe sem uma ajuda diabólica.

Segundo o depoimento das religiosas do Convento das Ursulinas, o padre Grandier usara de todos os maledicções contra elas, embora sem entrar no convento.

Explicavam mais pormenorizadamente que «ele atrava por cima dos muros ramos de rosas e outras flores, cujo perfume lançava numa agitação diabólica todas as pessoas que o aspiravam».

Richelieu, apercebendo-se do disparate, quis salvar o desventurado sacerdote das garras dum multidão cruel e cheia de preconceitos. Era tarde. O escândalo tomara um tal incremento que já não era possível anular o desastroso pacto firmado entre o padre Grandier e o Diabo.

O provençal Luis de Gofridi, acusado de sedução na pessoa da formosíssima Madalena Mandols de La Palud, passou por ter contractos com Satanaz, e, como tal, foi queimado em 1611, numa das mais concorridas praças de Aix, perante uma multidão delirante.

Passou-se isto há séculos e continúa a passar-se nos tempos de hoje. Ainda há poucos meses, numa aldeia portuguesa queimaram uma pobre louca que a superstição doentia de meia duzia de labrostes da sua família acusava de ter o Diabo no corpo.

O Diabo nunca andou metido no corpo de ninguém. Se a sua maior decepção consistiu em achar acanhada a imensidade celeste para os seus vãos audaciosos, como podia considerar refúgio suficientemente amplo o corpo dum pobre aldeã turvada pela loucura?

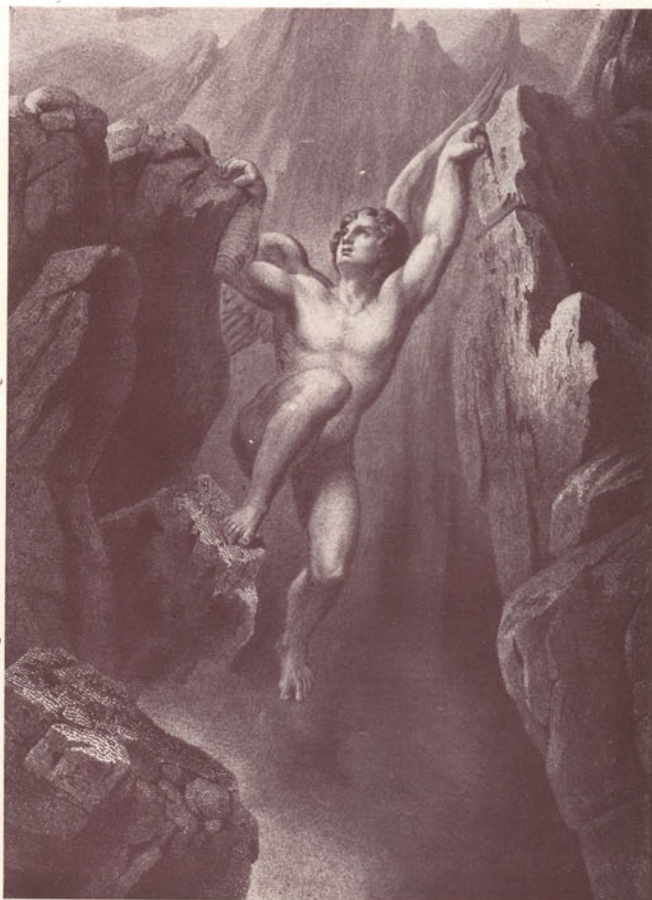
Decididamente, é tempo de rehabilitar o anjo rebelde que, longe de fazer mal à humanidade, tem recebido dela os piores agravos.

Façamos-lhe justiça, na plena certeza de que os nossos avós — pessoas piedosas, respeitáveis e dignas da maior consideração — tinham razão ao afirmar que «o Diabo não era tão feio como o pintavam».

A nossa Pátria também não deixa de render-lhe a devida homenagem. Em Cuba, segundo nos dizem, existe a Fonte do Diabo, mesmo no centro da Praça da Rainha. O ilustre académico Teixeira de Aragão diz acerca do estranho monumento que a crença popular admitta «a reunião de bruxas, lobis-homens, espéctros,



A estranha aventura de S. Dunstano e o falso diabo que o queria roubar, segundo uma gravura de Scheibel



O Diabo saindo do abismo (Grav. de Mignere)

duendes e fantasmas naquele local». Estes «depois de receberem os ordens do seu satânico chefe, espalhavam-se a fazer maledicções, e quem por ali passasse na ocasião dos tais conciliabulos, sem resar o círculo em cruz, era agarrado pelos demónios e trucidado.

«No caminho entre Ponte da Lima e Nossa Senhora da Guia — diz ainda o eminente sábio — está a Pedra do Diabo, onde o vulgo diz vêr o sinal das suas unhas».

Informa ainda «que a ponte de S. João, que fica a uma légua de Guimarães, é também locanda do Diabo. Quando os doentes daquelas circunvisinhanças desesperam da cura pelos remédios da botica, vão à meia noite acompanhados dum padre, levando um alqueire de milho paíço, que deitam da ponte abaixo com três punhados de sal, enquanto o padre impõe a Satanaz a obrigação de deixar em paz o

miserio enfermo». Cita também as virtudes da «ermida de S. Bartolomeu, que fica nas margens do Tamega, junto à porta de Cabeza, e na qual se faz no dia 24 de Agosto uma grande romaria, onde concorrem os endemoninhados. Logo que avistam a capela, os espiritos malignos começam a fazer saltar as pobres criaturas com terríveis contorsões, visagens patéticas e gritos desentoados; mas, ao chegarem ao altar do santo, vomitam todo o fel diabólico, e ficam logo sãs e escorretas.

«Cenas quasi identicas se praticam na romaria das Neves, no mosteiro da Lagôa, próximo a Fafe. Algumas mulheres visionarias, imaginando ter o Diabo no corpo, tratam de o expulsar tocando com a cabeça no corpo do santo».

«Ora, é tempo de acabar com todas estas calumnias ao Príncipe das Trévas que não contribuiu, nem de perto nem de longe, para tantas desgraças que affligem a Humanidade. Devemos ter sempre em mente que os nossos avós diziam quando pretendiam a boa paz e a harmonia com todo o mundo: «Deus é bom, mas o Diabo também não é mau».





O príncipe das Astúrias, casado há

*O príncipe das Astúrias e a sua noiva, aqui a cerimónia do casamento*

pouco mais de um ano, vai divorciar-se, o mesmo estando para suceder, segundo se diz, a seu pai, o ex-rei Afonso XIII.

A desventura conjugal dos Bourbons é sobejamente conhecida. Parece que esta família vem sendo perseguida, desde há tempos, por um estigma terrível e inexorável.

Houve quem atribuisse o malefício ao signo dos «Gêmeos» do Zodíaco, apesar da quadra festiva que parece apresentar-nos todos os anos.

Poderão rir-se destas superstições, mas as datas lá estão a marcar desgraças irremediáveis.

Em 17 de Maio de 1886 nasceu Afonso XIII que foi proclamado rei nesse mesmo dia. Doentinho, infêzado, filho de pai tuberculoso, foi necessário chamar uma alentada moçoila das Astúrias que lhe desse o vigor sádio do seu leite.

Em Maio de 1905, Afonso XIII efectuou a sua visita oficial a Paris, onde foi recebido pelo presidente Loubet. Poderia ter escolhido outro mês, mas, quando se lembrou da nefasta influência do signo de «Gêmeos», não podia adiar a sua partida. E daí — quem sabe? — talvez não acontecesse nada de grave. De resto, as superstições que sua mãe tanto respei-

## O ESTIGMA DA HEMOFILIA

# O poder da desventura conjugal dos Bourbons

Reflexões sobre os anunciados divórcios de Afonso XIII e do príncipe das Astúrias

Passados meses, começaram os preparativos para o casamento do rei de Espanha.

No dia 31 de Maio de 1906, quando o soberano e sua esposa regressavam da cerimónia, deu-se o atentado da Calle Mayor.

No ano seguinte, em 10 de Maio, nasceu o príncipe das Astúrias, verificando-se logo que estava atacado do terrível mal da hemofilia. O príncipe enfermo foi confiado aos cuidados dos maiores sábios que nada puderam fazer.

Segundo os ensinamentos da ciência, a hemofilia é uma afecção congénita, muito rara e com evoluções variadíssimas. Pode mesmo ser considerada como um signal de degenerescência. O seu sintoma característico consiste numa alteração do sangue, que perde, mais ou menos, a sua facultade de coagulação. Resulta em frequentes hemorragias que se tornam incoercíveis. O mais ligeiro traumatismo, uma simples picada, um pequeno choque, um acesso de tosse, um passo em falso, um espirro podem provocar um vasto derramamento sanguíneo.

Na maior parte dos casos, as hemorragias produzem-se internamente: banham os tecidos e inundam as articulações e as vísceras.

Era esta a doença do príncipe das Astúrias. Os sábios nada tinham adiantado, apesar dos seus melhores esforços. O «Izarevitch» sofrera do mesmo

mal e só o massacre de Ekaterinburgo puzera termo ao seu mal.

Sabia-se que dois terços de hemofílicos morriam antes dos onze anos e que



*A ex-rainha Vitória a caminho do exílio, durante a sua passagem por Paris*

o terço restante chegava a atingir e até a ultrapassar a idade dos vinte. O príncipe das Astúrias estava neste último caso. Como tratamento aplicavam-lhe o que estava indicado pelos habituais processos — injeções de soro fisiológico — mas tudo isto resultava improficuo.

O príncipe levava os seus dias, tolhido nos seus aposentos, aguardando dias melhores que nunca mais chegavam.

Um dia, encontrando-se internado num Sanatório da Suíça, travou conhecimento com uma linda enferma cubana. Afeiçoaram-se um ao outro e daí um casamento em perspectiva, apesar da tenaz oposição de Afonso XIII que se horrorisava ante um casamento morganático.

Era linda a nora que lhe propunham e devia herdar muitos milhões. Mas que importava isso, se o príncipe das Astúrias não carecia de riqueza, visto ser suficientemente rico?

Entretanto, o príncipe, cada vez mais enlevado na sua noiva, não hesitou um momento em desobedecer.

Então êle, herdeiro dum trono a que nunca poderia subir, senhor duma fortuna que não poderia gastar, detentor duma idade deliciosa que para os outros era sempre de encantos e ilusões, e para êle de amarguras e desespêros, encontrava no seu caminho um lindo sorriso a encantá-lo, e havia de o desprezar em obediência às sêdiças tradições bourbônicas?

Não. A formosa Edelmira de San Pedro havia de ser sua mulher, sucedesse o que sucedesse.

Foi anunciado o casamento e, segundo os jornais de 26 de Maio de 1933, foi encomendado a um grande costureiro dos Campos Elíseos o vestido da noiva.

As galas ricas desse noivado foram talhadas — repare-se nisto — no mês de Maio que tão funesto tinha sido sempre para a família dos Bourbons!

Ao cabo de alguns meses, os jornais noticiam que se está procedendo ao divórcio do príncipe das Astúrias.

Era fatal!

Mas, como se não bastasse, corre com insistência que o próprio Afonso XIII vai divorciar-se ao cabo de vinte e oito anos de matrimónio. Diz-se que o ex-soberano, desejando continuar a sua dinastia com um varão forte e sádio que possa subir arrogantemente ao trono de Filipe II, iria procurar num novo casamento o herdeiro que tanto ambiciona. Dos filhos que tem, nem um só gosa saúde. Todos estão sob o terrível malefício duma doença hereditária que êle — filho do tuberculoso Afonso XII — atribuiu a sua mulher vinda dos confins de Battenberg.

Afirma-se ainda que o ex-rei de Espanha cedeu às instâncias dos seus mais fervorosos partidários que desejam ardentemente a solução do problema dinástico que há tantos anos afflige a Espanha monárquica.

Visionaram talvez as diligências do general Prim que andou em tempos, de país em país, à procura dum rei disponível que se dignasse ir reinar em Espanha. Recordaram-se talvez do gesto de indiferença feito por D. Luiz de Portugal quando lhe propuzeram o negócio, e da recusa formal que D. Fernando de Saxe-Coburgo opôs a tal oferta, quando lhe disseram que, para cingir a corôa de Espanha, deveria repudiar a sua esposa, condessa de Edla, que não tinha categoria para subir os degraus dum trono.

Evocaram talvez o gesto sobranceiro de Amadeu de Saboia que, após o sacrificio de ter aceitado o título de rei e de receber insultos e ingratidões, fez as malas e voltou para o sossêgo da sua pátria onde sempre o tinham tratado bem.

Recordando todos estes desaires, os partidários de Afonso XIII aconselham-lhe o divórcio, na esperança de que um novo casamento trouxesse, finalmente, o desejado herdeiro.

Mas para que insistir com a fatalidade, se é já tradicional e desventura conjugal dos Bourbons?

*Um elegante retrato do ex-rei Afonso XIII*





O ilustre escritor e académico sr. J. Reis Gomes acaba de lançar a publicidade um novo livro: «O Anel do Imperador», memória romancada lida na sessão da Classe de Letras da Academia das Ciências, de 18 de Janeiro do corrente ano, e votada, por unanimidade para publicação nas «Memórias da Academia».

Sub-intitula-se Napoleão e a Madeira o novo trabalho de Reis Gomes e a acção da memória passa-se, de facto, na Madeira e prende-se, duma parte, à passagem de Napoleão por esta Ilha, quando a caminho do exílio na rocha de Santa Helena; e, doutra, à missão Joinville que no Funchal tocou, vinte e cinco anos depois, seguindo derrota análoga, a fim de trazer à França os restos mortais do herói captivo da Inglaterra.

«Talvez se possa afirmar que Napoleão, sinceramente, só foi amado na Madeira... Bastaria esta indicação para rodear de todo o interesse histórico e romanesco o novo livro de Reis Gomes — o autor consagrado do Teatro e o Actor, da Filha de Tristão das Damas, da Música e do Teatro, das Forças Psíquicas, e de tantas outras obras de vulto.

Do Anel do Imperador transcrevemos um excerpto do capítulo intitulado «Amor sentimental»:

.....  
Como de manhã, o escalor levava à pópia o pavilhão inglês.

Pronta a escada, logo um oficial desceu a contactar com o cônsul. Este pediu dois homens para levarem ao almirante seis pipos do seu «Old Sercial — Madeira», o nectar, no século xviii, mais estimado em Inglaterra. Era o seu cartão de visita.

Ao chegarem, os marinheiros traziam já a licença para a entrada do cônsul e da menina considerada porventura sua filha. Veitch não se desconcertou e subiu com os dois ao portaló. Aqui, porém, só foi permitida a visita d'ele e de Isabel ao prisioneiro da Inglaterra. Azevedo teve de resignar-se, sob as vistas de um oficial de bordo, ao convívio de Montholon, de Gourgaud e de Las Cases, a que depois se juntou Bertrand, e que foram com elle afabilíssimos, gratos à admiração do coronel português pelo seu Imperador.

O devotado Marchand com outros criados de Napoleão transportavam do barco, para bordo, cascos de vinho «Madeira», cabazes de fruta, açafates de doces e um alto pacote de livros que arrumaram no camarote de seu amo. O presente para Cockburn, esse já estava a bom recato.

Veitch, ao encaminhar-se para a câmara, dava o braço a Isabel que seguia mal segura, levando na face uma palidez de cera.

Bertrand, devidamente autorizado, foi quem introduziu os visitantes, saindo logo após com O' Meara, o médico irlandês que, como a restante comitiva, se condenara à deportação para Santa Helena.

Napoleão estava de pé, naquela atitude de soberano que tomava de instinto nas ocasiões de cerimónia, bem ao invés do seu aspecto simples tão comum na vida íntima. Estendeu a mão a Isabel que em leve mesura a beijou trémula-mente oferecendo-a a Veitch que a apertou, a seu turno, numa larga reverência.

Ela conservava-se de olhos baixos, sem enfrentar o Imperador.

— Sire! Peço permissão para apresentar-lhe Mademoiselle de S..., portuguesa e grande admiradora de Vossa Majestade, que deseja prestar-lhe homenagem e oferecer-lhe alguns livros.

Só neste momento se encontraram os olhos do Imperador com os de Isabel. Esta, amparando-se a Veitch, batia as pálpebras como se, de súbito, houvesse encarado o sol. O cônsul, sentindo-lhe a pressão atribuiu-a ao mar, inda que o balanço fosse agora duma ondulação suave.

Napoleão ficou perplexo ao vê-la; e, a custo, com a voz préta, tão longe do tom habitual, dominador e vibrante apenas murmurou: — Obrigada Mademoiselle. E calou-se.

A donzela tentou a palavra para romper o embaraço silêncio, mas não lhe acudiu a frase própria.

.....  
— Mademoiselle é da Madeira?  
— Nasci no Funchal, Sire; mas meu pai...  
— E' de origem italiana. O senhor cônsul apresentou-ma com apelido florentino.

## A passagem de Napoleão pela Madeira

Do livro de Reis Gomes «O Anel do Imperador»

— E' o meu nome de família.  
— Mais um motivo para a minha simpatia, Mademoiselle.

O diálogo principiava de parte a parte, hesitante e contrafeito. Contudo, os dois fixavam-se nos olhos, parecendo cada um procurar, no outro, conhecimento mais remoto.

— Ter-se-iam visto, já, noutra lugar ou noutra traje? Mas, não. Na mente dela fixara-se, apenas, a imagem dos quadros que possuía na saleta. E, nêle? Nunca a havia encontrado noutra tempo. Demais, era tão nova...

Napoleão continuou:  
— Os S... são duma casa parente e rival dos Buona Parte de Florença, origem dos fixados na Córsega, e de que eu sou descendente.

— Assim me contava meu pai.  
— E houve — como tudo isto é estranho! — um casamento de amor nestas famílias adversas. Um Buona Parte, e não moço, desposou no século xv, uma dama do seu apelido. Era um antepassado meu.

— Falava como erudito, apenas, o historiador da Córsega? ..

— Não o sabia, disse Isabel novamente perturbada.

— Corre-me pois, nas veias um pouco do seu sangue — acrescentou Napoleão com certa emoção na voz.

E, retomando posse de si mesmo: — A sua formosura repete em todos os traços, físicos e morais, a dessa linda e santa avó que eu conheci de tradição e, em plena mocidade, duma miniatura da minha casa de Ajaccio. Bem me parecia tê-la já vista algures.

A cada uma destas frases, Isabel corava para tornar-se logo pálida. Mas invadia-a, no íntimo, um inefável bem-estar.

Os olhos do Imperador tomavam, agora, aquele ar calmo e atraente a cujo encanto nem Telleyrand nem Fouché alcançaram subtrair-se; e os seus lábios, num sorriso, acrescentaram estas palavras em que a amargura era patente:

— Feliz avó! Para mim, já tudo chega tarde! Depois, tomando a dextra de Isabel, sobre ela fechou, num terno beijo, aquele sorriso triste. E a mão fria da donzela estremeceu entre os seus dedos.

Mas o supersticioso fundo corse, que nunca o abandonara, estimulou-lhe, numa ponta de egoísmo, a ambição da glória, nêle tão viva, sempre, como vivo era o sentimento que Isabel lhe inspirara:

— Diz-me uma voz, toda interior, que nutrida pela luz do seu olhar seria imorredora a minha estrela. Ela chega-me, não sei se ao coração se aos ouvidos, como um éco longínquo, voz de ignoto timbre que sempre me guiou nos claros dias da vitória? Será isto o que muitos chamam génio? Ai de mim! não a ouvi, ao ligar-me à casa da Áustria; e não quis escutá-la em Waterloo...

Estas palavras tinham um doloroso acento que abrangeu Isabel. E a conversação caiu ante um abismo de reflexões pungentes...

Veitch interveio na intenção de erguer-lhe o tom e de encurtar o diálogo — cuja essência não comprehendia bem — pois o dia entrara já em declínio e os crepúsculos são breves na Madeira.

— Sire! Mademoiselle de S... pede vénia para oferecer-vos estas obras, êsses doces, especialidade dum mosteiro do Funchal, e mais um mimo que pessoalmente, deseja passar às mãos de Vossa Majestade.

Obrigado... minha prima. Mas o brinde inestimável, sobre todos, foi o preito que me prestou, vindo até mim. Bastaria vê-la e falar-lhe, um só instante, para que fôsem singularmente adoptadas as horas do meu destêro. A sua imagem, Mademoiselle, será a mais querida companheira no meu cruel fim de vida. Ser-me-á bálsamo nos momentos de tédio ou de revolta, e vai inspirar-me o tom, sonoro e justo em que hei-de contar aos pósteres aquilo que a França e eu fizemos.

Isabel, aturdida não se atrevia a oferecer a Napoleão a sua ode. Estava prêsá ao encanto daquela voz magoada, mas sempre plena de grandeza; e, levantado o véu que em seu íntimo encobria o terno sentimento pelo herói, retinha-a, agora, êste pudor atonante: a sua dedicação já envolvia o homem que ali, em sua frente, por igual mostrara em transparências leves a indole da impressão que lhe causara.

Mas tinha que terminar esta visita. Veitch, com finura, lembrou a Isabel a urgência de voltarem; e Napoleão pediu-lhe, gentilmente, o cumprimento da promessa...

Isabel, convulsa, retirou da bolsa um papel de linho escrito à pena e entregou-lhe sem proferir uma palavra.

O Imperador leu-o discretamente para si. E o novo césar, «o homem de coração de ferro», como os inimigos lhe chamavam, ao acabar a leitura tinha lágrimas nos olhos.

O fundo literário, verbalista, que lhe era espontâneo nos momentos de emoção — tão contrário ao seu dizer mais íntimo onde corria, fácil, o plebeísmo corse — tímido lhe acudiu aos lábios, conferindo à frase um mais solene contôrno:

— É a primeira vez que uma mulher mostra por mim, com tal nobreza e isenção, sentimentos que tão gratos sejam à minha alma. Na ascensão ao poder, tive uma Staël a adular-me com o fito de, a meu lado, ser a moderna ninfa Egéria. Movia-a a ambição do mando, dêsse supremo mando a que só eu tinha direito. Não me resignei ao papel de rei Numa: afastada, perseguiu-me defendi-me, e ela, traidora a pátria, aliou-se com o Tzar. Tão diversa, sois a encarnação da mais alta beleza. Ungida do céu, venerar-vos-iam na Grécia como eleita dos deuses. Guardarei esta ode sobre o peito: é o hino à minha glória que mais fundo me tocou o coração.

Abrindo a casaca verde dos caçadores da guarda, que trazia vestida, ocultou no bolso interior, sob a água da Legião de Honra, o ingénuo mas ardente preito da donzela.

— Viverá comigo o tempo que eu viver.  
E, tomando-lhe a cabeça, que encostou a si, beijou-a na fronte com ternura. Isabel oscilou, caiu nos braços de Veitch, e ali teve em silêncio uma forte crise de choro.

O próprio cônsul sentia-se vagamente como-vido. Toda aquela cena era para êle confusa, e talvez mesmo demasiado latina, mas a sua sensibilidade registava-a.

O Imperador foi a um cofre e d'ele tirou uma medalha suspensa dum delicado cordão de ouro: um duplo napoleão, orlado, de diamantes e safiras a sua pedra favorita. Lançou-a ao colo de Isabel, dizendo, ao beijar-lhe a mão, enquanto ela soluçava: — Para que a minha imagem lhe ande sempre junto ao colo, como esteve por instantes o seu rosto no meu peito. Em recordação do dia de hoje, aceitei senhor cônsul, estas moedas do Império e dez luises que lancarei na base da primeira obra consagrada na Madeira à Providência que me fez conhecer esta criança.

E, num suspiro, espreitando o céu pela vigia: — Meu Deus! como esta tarde foi tão curta: Obrigado, pela vossa lembrança, senhor cônsul. Mil vezes, obrigado! Em vós, felicito a Gran-Bretanha: não há só carcereiros em Inglaterra.

A porta surgiu a cabeça grossa e ruiva de Sir -George Cockburn. Veitch logo entendeu que soara a hora de regresso.

Napoleão, pálido mas de face imperturbável, abraçou Isabel e disse-lhe com uma voz sem timbre: — «Que Deus lhe dê, minha prima, o que eu não posso conceder-lhe: um espôso em todo digno do seu sangue e do seu nobre coração».

— Nunca! voltou a donzela num tom vivo, olhando face a face o Imperador, como quem quere dar solenidade a um juramento.

Ergueu-se, afogueada, com os olhos ainda mais negros e febris: e toda a sua figura estava plena de energia, em contraste com a atitude anterior tão essencialmente feminina.

— Adeus, meu senhor! acrescentou, e beijou-lhe a mão numa vénia respeitosa. Napoleão sentiu bem como seus lábios escaldavam.

.....  
O mar serenou com o descair do vento. Era já noite quando a lancha do consulado inglês tocou em terra.

No camarote, à frouxa luz duma lanterna, Napoleão, pensativo, relia a ode de Isabel.



## CONTRA UM FLÁGELO SOCIAL

# A luta anti-cancerosa

## e a notável obra de assistência do Instituto Português de Oncologia



Corte histológico de células cancerosas

**P**ELA sua extensão e pela sua gravidade, o cancro é um dos mais terríveis males que atormentam a Humanidade. O número das suas vítimas é enorme. Regaud classifica-o em quarto lugar na escala da mortalidade, depois das doenças da primeira infância, da tuberculose e das afecções agudas do aparelho respiratório.

Para bem se avaliarem os estragos causados pelo cancro basta dizer que em cada dez pessoas que morrem com mais de quarenta anos, uma delas é vitimada pela terrível doença. E, na opinião de alguns homens de ciência, essa percentagem tende a aumentar.

Impunha-se, nestas condições, a organização duma campanha contra essa doença que constitui um grave perigo social.

De que meios dispõe a ciência para lutar contra o mal?

Antes de mais nada, há um preconceito que importa destruir. O contrário do que o vulgo geralmente supõe, o cancro não é uma doença incurável. O que há é cancros incuráveis, pela simples razão de que contra eles não foram empregados os recursos da ciência, quando a vitória desta sobre o mal ainda era possível.

Um facto que contribue para estabelecer a suposição que a cura do cancro não é possível consiste em dizer-se freqüentemente que a ciência não conseguiu ainda explicar as razões dessa doença misteriosa.

Assim é, na verdade. Todas as tentativas para decifrar o enigma da origem do mal têm resultado infrutíferas. De tempos a tempos surge um sábio a afirmar que descobriu um micro-organismo que provoca a doença. Novas experiências, observações mais rigorosas, demonstram depois que foi induzido em erro.

No estado actual dos conhecimentos, os sábios mostram-se portanto reservados. Tudo quanto se sabe sobre as origens do cancro pode ser resumido na seguinte definição: *um crescimento anárquico dos tecidos*. As células cancerosas adquirem um poder, excepcional e indefinido, de proliferação. Quais são as razões determinantes desse facto? Eis o que até hoje não foi possível saber.

Mas é errado inferir daqui que a cura do cancro está, implicitamente, vedada à ciência. O conhecimento das causas da doença pode contribuir muito para a descoberta dum método curativo mas não é para tal indispensável. Há várias doenças em que a cura antecedeu a descoberta das suas origens. Ainda hoje, a ciência nos apresenta grande

número de casos semelhantes. A origem da electricidade, por exemplo, não está ainda satisfatoriamente definida, e contudo os sábios conhecem bem e utilizam das mais variadas formas as suas extraordinárias propriedades.

Digamos agora quais são as armas de que dispõem os que lutam contra o terrível flagelo.

Há em primeiro lugar a ablação cirúrgica que consiste na extirpação do tumor e dos tecidos vizinhos a que haja suspeitas de o mal se ter propagado.

Vem depois a electrolise ou electro-coagulação que só se aplica a cancros superficiais e a certas variedades tais como o cancro pigmentado.

Finalmente, existe a radioterapia ou tratamento pelas radiações de onda curta e penetrante. Estas radiações podem ser provenientes dos Raios X ou do rádio.

Os Raios X são obtidos pela transformação da electricidade em lâmpadas especiais. São tanto mais penetrantes quanto mais curto é o seu comprimento de onda. E este depende da diferença de potencial da corrente nos polos da lâmpada onde se produzem as radiações. Antigamente a tensão empregada quasi nunca excedia 60 a 70.000 voltios. Mas com os aparelhos modernos utilizam-se por vezes, 300 e até 500.000 voltios.

Por sua vez o rádio emite constantemente diversas radiações, das quais a que é empregada na terapêutica do cancro é conhecida por *raios-gama*. O poder da penetração dessas radiações, que se calcula corresponderem a uma tensão de dois milhões de voltios, é enorme. Podem atra-

versar chapas de chumbo com trinta centímetros de espessura.

De que modo exercem as radiações a sua acção na cura do cancro? Provou-se que as células dotadas do poder anormal de multiplicação que caracteriza o cancro são mais sensíveis à acção das radiações do que as células sãs. Ministradas em doses convenientes, as radiações podem, portanto, destruir os tecidos atacados sem prejudicar os que ainda não foram atingidos pela doença.

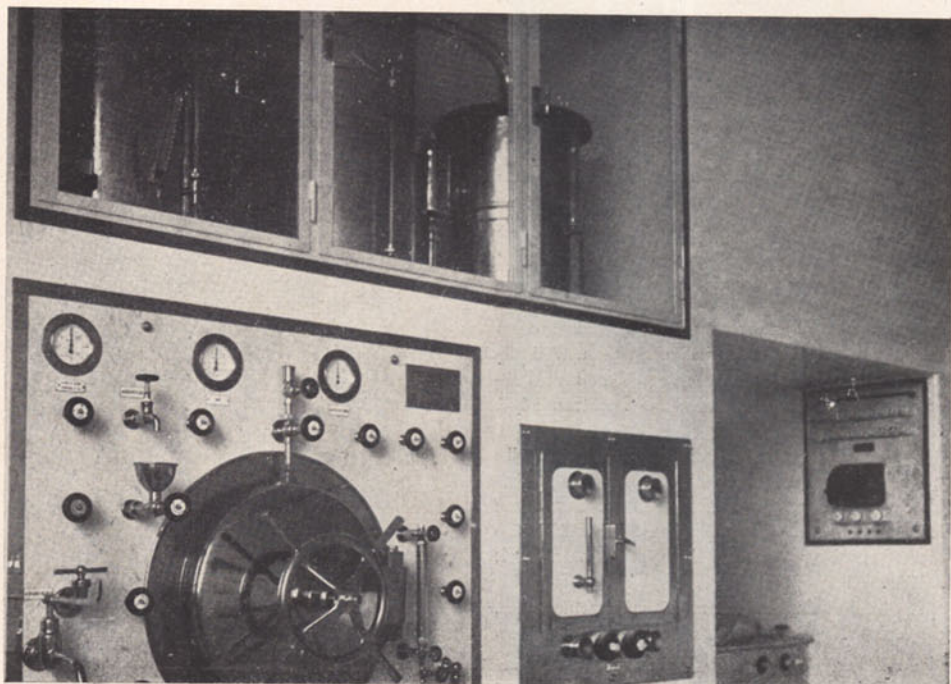
Sobre o método a empregar em cada caso especial cabe ao especialista dizê-lo. Quanto à eficácia de qualquer dêles não pode haver dúvidas se se tiver em conta o seguinte:

Na sua primeira fase o cancro é uma doença local. É então que ele pode ser atacado com êxito. Mais tarde, porém, destacam-se do tumor células que se espalham no organismo e que conduzem à generalização da doença. A partir desse momento, a cura pelos métodos citados deixa de ser possível.

Resulta daqui, com toda a evidência, que o tratamento tem tanto maiores probabilidades de êxito quanto mais cedo a doença for assinalada.

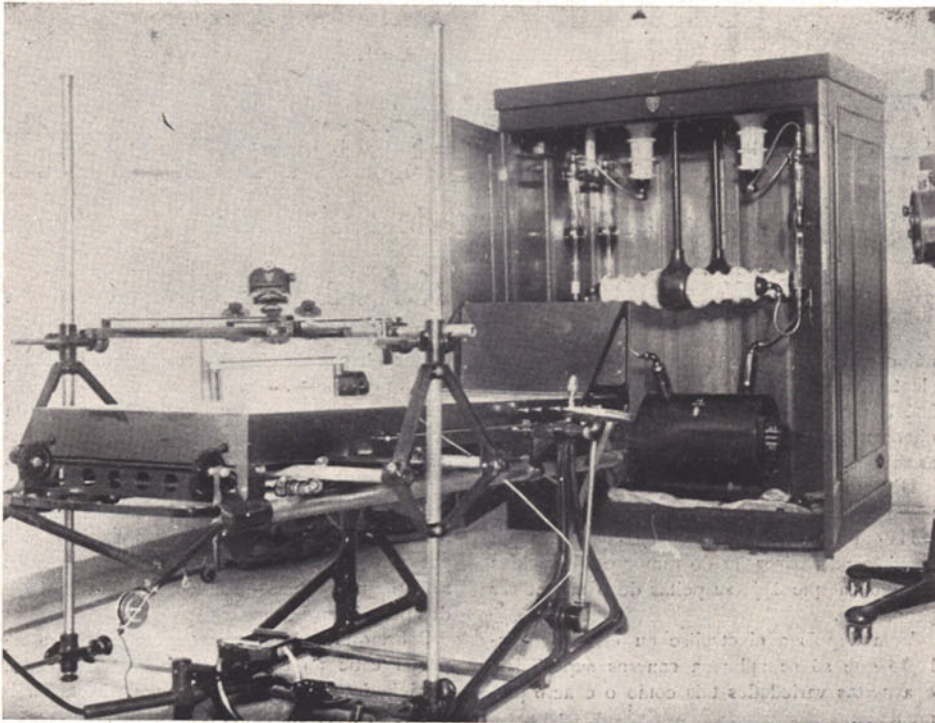
Por isso a campanha contra a terrível doença que é em Portugal superiormente dirigida pelos srs. Francisco Gentil e Bernard Guedes, tem como principal objectivo levar o público à compreensão da altíssima importância do *diagnóstico precoce do cancro*.

Quantas vidas não seria possível salvar se os doentes não recorressem demasiado tarde à ciência, quando esta é já impotente para debelar o mal!



Aparelhos de esterilização no novo pavilhão do Instituto





Sala dos raios X

A questão é, como se vê, duma importância vital. No dia em que a luta anti-cancerosa realisar a sua finalidade, que é afinal a educação do público acerca deste grave problema, o mal ficará reduzido a proporções mais simples. Perderá o seu carácter de flagelo social.

Muito se tem feito já nesse sentido, graças à dedicação e altruísmo dos dois sábios acima citados, embora muito mais haja ainda a fazer. O nosso país dispõe já dum estabelecimento de luta contra o cancro que se pode considerar modelar. É o Instituto Português de Oncologia criado por decreto do antigo ministro António Sérgio em Dezembro de 1923.

Em fins do ano passado o Instituto foi dotado com um novo pavilhão de Rádio, em cuja construção se applicou o produto das subscrições públicas de 1931, 1932 e 1933. O projecto desta importantíssima dependência do Instituto foi superiormente orientado pelo professor Gentil, em conformidade com as recomendações do II Congresso Internacional de Radiologia, reunido em Estocolmo no ano anterior. Deve salientar-se que foi o primeiro edificio no seu género construído na Europa com protecção eficaz contra as radiações.

O pavilhão, de belas linhas modernas, é encimado por um amplo solário. As dependências satisfazem todos os requisitos da mais perfeita hygiene: salas espaçosas e largas janelas onde o ar e a luz entram livremente.

No pavimento central está instalada a consulta externa. Por cima ficam as enfermarias, com duas, quatro ou seis camas cada uma. É limitado o número de doentes que podem ser internados, mas a hospitalização no Instituto só é feita em casos especiais.

São dignos de referência os laboratórios de química, physio-química e histofisiologia, apetrechados com o mais moderno material e onde se leva a cabo uma notável obra de investigação científica sob a proficiente direcção do sr. dr. Mark Athias.

Há ainda salas de observação, de tratamento, de Raios X, etc., dotadas dos mais modernos aperfeiçoamentos. Uma das dependências que chama a

Uma enfermaria

atenção do visitante é a sala de esterilizações, cujo interior pode ser observado do vestibulo através a chapa de cristal que forma uma das suas paredes. Pormenor curioso: esta disposição foi adoptada para o empregado que ali trabalhe se sentir sempre sujeito aos olhares das pessoas que transitam no vestibulo. Tem isso em vista evitar que descure as suas occupaões, cuja importância é primordial num estabelecimento deste género.

Da sala de operaões só se pode dizer que é modelar. Tudo ali se acha disposto para que o cirurgião desempenhe a sua missão nas melhores condições possíveis. A sala está totalmente isolada do exterior e a renovação da atmosfera faz-se por intermédio de aparelhos que introduzem o ar exterior depois de convenientemente purificado.

A installação do abastecimento de águas merece também referencia porque denota o cui-

dado com que os mais pequenos pormenores foram adaptados às necessidades do estabelecimento. Antes de ser distribuída pelo edificio, a água passa por aparelhos situados no pavimento térreo e aí é filtrada, descalcificada e sujeita à pressão conveniente. Todos os andares estão por isso abastecidos com uma água de grande pureza e pressão constante. Este último facto é da maior importância quando se trata de laboratórios.

A necessidade de estabelecer uma defesa eficaz contra as radiações levantou uma longa série de dificuldades cuja resolução honra a competência dos técnicos portugueses. As paredes das salas onde o rádio é manuseado ou applicado são formadas interiormente de cobre e chumbo e exteriormente de barita. Nos sitios onde a espessura tem de ser maior, calcula-se que cada dois metros quadrados de parede correspondem a uma tonelada de peso. Daí os graves problemas que os construtores tiveram de enfrentar e resolver.

Os resultados corresponderam de resto, ao esforço dispendido, pois as experiencias efectuadas pouco depois de terminada a edificação, demonstraram que a absorção das perigosas radiações pelo revestimento das portas e paredes, era praticamente absoluta.

O Instituto dispõe de mil e oitocentos miligramas de rádio-clemento sob forma de sulfato, o que lhe permite exercer numa escala considerável a sua humanitária missão. A sua actividade nos ultimos tempos tem sido enorme. Além de prestar assistência a um número crescente de cancerosos, organiza uma intensa propaganda da luta contra a terrível doença, que é coroada todos os anos pela Semana do Cancro. Publica ainda um bem elaborado Boletim em que se faz a divulgação de conhecimentos que interessam ao público de todas as classes.

Tivemos ocasião de visitar o Instituto quando da inauguração do Pavilhão de Rádio, e pudemos admirar, como leigos embora, a sua modelar organização. Não cabe nos limites deste artigo descrever o que ali vimos. Uma certeza nos ficou, porém, e dela queremos dar conta ao leitor: a de que Portugal tem um estabelecimento à altura da grave missão que é a luta contra o Cancro.

Manuel L. Rodrigues.





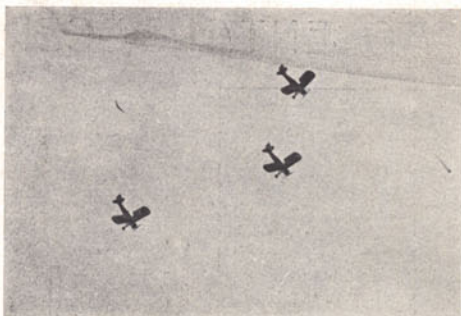
# AGUIAS MECÂNICAS AO ENTARDECER



*Dois aspectos do Festival Aéreo  
da Amadora*

(Fotos Horácio Novais)





Muito antes do meio dia já as imediações do aeródromo se mostravam coalhadas de povo. Pelas estradas que conduzem á Amadora comprimia-se extensa fila de automóveis. Carros eléctricos e combóios seguiam apinhados de gente que a todo o momento vinha engrossar a multidão dos espectadores.

CONSTITUIU um extraordinário êxito o festival aéreo de homenagem a Plácido de Abreu que, por iniciativa da «Air Propaganda» e do «Petit Parisien» se realizou no aeródromo da Amadora no passado dia 4.

A esquadriha francesa de Etampes realizando exercícios



Muitas dezenas de milhar de pessoas acorreram áquelle campo de aviação procedentes da capital e arredores e até de pontos afastados do país. E todos deram por bem empregados o seu tempo e o seu dinheiro.

Não faltavam, na verdade, os motivos justificativos duma grande aglomeração de público. O festival a que ia assistir-se era, sem sombra de dúvida, o mais importante até agora realizado em Portugal, e um dos mais sensacionais dos últimos tempos em todo o Mundo. Pela primeira vez, ia ser proporcionado ao nosso público um espectáculo de alta acrobacia aérea e havia a mais compreensível curiosidade em o admirar.

O dia amanheceu chuvoso, a ponto de fazer recear pela realização do festival. Mas para a tarde as apreensões cessaram. Cairam ainda uns aguaceiros que não conseguiram esfriar o entusiasmo dos espectadores porque o ceu nunca deixou de mostrar nesgas de azul prometedoras.



Detroyat evoluindo a pouca altura da pista

dias se encontra na Amadora. Executa algumas acrobacias de grande efeito e aterra por entre os aplausos calorosos do público. Segue-se-lhe o tenente Pimentel que após difíceis evoluções, faz uma descida aparatosa deslizando ora sobre a esquerda, ora sobre a direita.

Há um intervalo e o interesse do público volta a ser solicitado pela chegada de três aviões de caça de Etampes tripulados pelo tenente Fleurquin e pelos sargentos Carlier e Cerecsaty. A seguir o tenente Macedo torna a levantar vôo e evolue durante algum tempo sobre o campo.

Chegam dois

Vista parcial da multidão que encheu o campo da Amadora

# O festival aéreo na Amadora em homenagem à memória do grande piloto PLACIDO DE ABREU

res. Poucas vezes um acontecimento de qualquer género terá feito afluir tão grande número de pessoas.

Entretanto, começam no campo os preparativos para a festa, dirigidos pelo sr. comandante Pinheiro de Almeida e mais três aparelhos. É a patrulha de aviões do Aero Club Português. Moede os tractores militares e retiram-se diftamente postos da Cruz Vermelha. Na tribuna presidencial já se encontram, entre outros diversos pontos, as personalidades, os srs. ministros da Instrução, da Guerra, das Colónias e do Interior. Chega os organizadores do festival a altura o sr. Presidente da República com os srs. comandante Lelo Portela, adido militar em Paris, Dravet e Ganneau da «Air Propagande» e De Croze-fond, do «Petit Parisien». Rodeia-os um numeroso grupo de aviadores, entre os quais se vêem os srs. almirante Cerqueira, coronel Noberto Guimarães, majores Sergio da Silva e Sintra, capitães Frederico Costa, Amado da Cunha, Tartaro, Pimenta, Cardoso, Pais Ramos, Montenegro e Lino Teixeira, tenentes Pais, Gouveia e Ivo Cerqueira, pilotos civis Rau e D. José Saldanha.

Os primeiros quatro aparelhos a chegar ao campo vêm de Sintra e são tripulados pelos srs. capitães Magalhães e Vieira, tenente Macedo e aviador civil Carlos Bleck. O público começa a animar-se. Pouco depois Novak levanta vôo no seu avião, que há já dois

anos de caça de Tancos, pilotados pelos srs. major António Maia e capitão Dias Leite.

Pouco depois das 13 horas divisam-se no horizonte mais três aparelhos. É a patrulha de aviões do Aero Club Português. Moede os tractores militares e retiram-se diftamente postos da Cruz Vermelha. Na tribuna presidencial já se encontram, entre outros diversos pontos, as personalidades, os srs. ministros da Instrução, da Guerra, das Colónias e do Interior. Chega os organizadores do festival a altura o sr. Presidente da República com os srs. comandante Lelo Portela, adido militar em Paris, Dravet e Ganneau da «Air Propagande» e De Croze-fond, do «Petit Parisien». Rodeia-os um numeroso grupo de aviadores, entre os quais se vêem os srs. almirante Cerqueira, coronel Noberto Guimarães, majores Sergio da Silva e Sintra, capitães Frederico Costa, Amado da Cunha, Tartaro, Pimenta, Cardoso, Pais Ramos, Montenegro e Lino Teixeira, tenentes Pais, Gouveia e Ivo Cerqueira, pilotos civis Rau e D. José Saldanha.

Os primeiros quatro aparelhos a chegar ao campo vêm de Sintra e são tripulados pelos srs. capitães Magalhães e Vieira, tenente Macedo e aviador civil Carlos Bleck. O público começa a animar-se. Pouco depois Novak levanta vôo no seu avião, que há já dois

anos de caça de Tancos, pilotados pelos srs. major António Maia e capitão Dias Leite. Pouco depois das 13 horas divisam-se no horizonte mais três aparelhos. É a patrulha de aviões do Aero Club Português. Moede os tractores militares e retiram-se diftamente postos da Cruz Vermelha. Na tribuna presidencial já se encontram, entre outros diversos pontos, as personalidades, os srs. ministros da Instrução, da Guerra, das Colónias e do Interior. Chega os organizadores do festival a altura o sr. Presidente da República com os srs. comandante Lelo Portela, adido militar em Paris, Dravet e Ganneau da «Air Propagande» e De Croze-fond, do «Petit Parisien». Rodeia-os um numeroso grupo de aviadores, entre os quais se vêem os srs. almirante Cerqueira, coronel Noberto Guimarães, majores Sergio da Silva e Sintra, capitães Frederico Costa, Amado da Cunha, Tartaro, Pimenta, Cardoso, Pais Ramos, Montenegro e Lino Teixeira, tenentes Pais, Gouveia e Ivo Cerqueira, pilotos civis Rau e D. José Saldanha.

Os primeiros quatro aparelhos a chegar ao campo vêm de Sintra e são tripulados pelos srs. capitães Magalhães e Vieira, tenente Macedo e aviador civil Carlos Bleck. O público começa a animar-se. Pouco depois Novak levanta vôo no seu avião, que há já dois

anos de caça de Tancos, pilotados pelos srs. major António Maia e capitão Dias Leite. Pouco depois das 13 horas divisam-se no horizonte mais três aparelhos. É a patrulha de aviões do Aero Club Português. Moede os tractores militares e retiram-se diftamente postos da Cruz Vermelha. Na tribuna presidencial já se encontram, entre outros diversos pontos, as personalidades, os srs. ministros da Instrução, da Guerra, das Colónias e do Interior. Chega os organizadores do festival a altura o sr. Presidente da República com os srs. comandante Lelo Portela, adido militar em Paris, Dravet e Ganneau da «Air Propagande» e De Croze-fond, do «Petit Parisien». Rodeia-os um numeroso grupo de aviadores, entre os quais se vêem os srs. almirante Cerqueira, coronel Noberto Guimarães, majores Sergio da Silva e Sintra, capitães Frederico Costa, Amado da Cunha, Tartaro, Pimenta, Cardoso, Pais Ramos, Montenegro e Lino Teixeira, tenentes Pais, Gouveia e Ivo Cerqueira, pilotos civis Rau e D. José Saldanha.

Já chegou, entretanto, a paraquedista francesa Edith Clark. Vem vestida à moda do Minho e assim se lançará no espaço em graciosa homenagem ao nosso país.

Novak levanta novamente vôo e

realiza com assombrosa pericia o primeiro grande exercício da tarde. A assistência aplaude-o freneticamente.

Nessa altura chega ao campo o sr. general Giscard de Estaings, chefe do Gabinete do Ministro do Ar francês. O Chefe do Estado convida-o a tomar lugar na tribuna presidencial.

O exercício seguinte é o primeiro salto em pára-quadras. Bournat sobe no avião de Costa Macedo e a cerca de 800 metros lança-se no espaço. Abre-se o pára-quadras e Bournat desce suavemente. Em certa altura solta-se do pára-quadras e despenha-se novamente, mas outro se abre que refreia a queda e o faz pousar suavemente no solo.

Dois aviões da patrulha de Etampes fazem evoluções isoladas e em conjunto, causando o assombro do público pela precisão dos seus movimentos. Num



Helene Bouchet conversando com Mr. Dr. Croze-fond

aparelho tripulado por Costa Macedo, o famoso acrobata francês Romaneschi executa exercícios de trapézio a 500 metros de altura. Para terminar lança-se em pára-quadras e aterra com felicidade a alguma distância do campo.

Costa Macedo sobe mais uma vez levando a bordo do seu avião a paraquedista Edith Clark que faz uma descida perfeita.

E segue-se o clou da festa: Detroyat, o segundo classificado do concurso de Vincennes, deslumbra a assistência com as suas assombrosas proezas. Termina com o seu célebre «vôo doído». Cavalli sobe em seguida, mas o seu aparelho fatigado pela viagem, não lhe consente que afirme todas as suas qualidades. E com isso findou o brilhante festival.

Romaneschi solta-se do trapézio e lança-se em pára-quadras. Em baixo outro aspecto do mesmo emocionante exercício







O percurso dos carros de assalto

SE é verdade que o cinema tem progredido muito desde o começo deste século, em cousa alguma esse progresso é mais sensível do que no fabrico de engenhos de guerra. Estranhas contradições da nossa civilização! Por cada passo hesitante no sentido do aperfeiçoamento, quantas loucas carreiras para a morte e a destruição!

Bastou que um homem genial descobrisse a T. S. F., inventasse a maneira de comunicar a distância com os seus semelhantes, para acordar no cérebro de muitos outros a ideia de procurar nessas ondas invisíveis ou noutras semelhantes um veículo para os mais ferozes instintos de destruição. Quantos homens de ciência se extenuam hoje nos laboratórios pesquisando o almejado "raio da morte"?

Se quisermos fazer o panegírico da nossa civilização seremos levados fatalmente a apontar as armas de guerra como índice supremo da nossa cultura.

O Homem dominou os ares, realizou o sonho que custou a vida a Icaro. O avião libertou-o da superfície da Terra onde até então rastejava. Mas onde é que a máquina de voar atinge a culminância da sua perfeição técnica? No avião de bombardeamento que, lá do alto, dissimulado entre nuvens, espalha a morte entre populações indefesas, arraza e incendeia as cidades que o esforço humano, laboriosamente, tem erguido.



A antiga nave de guerra

A navegação desenvolveu-se de maneira assombrosa. Transatlânticos, que são luxuosos palácios, cruzam o Oceano a velocidades inauditas. Mas é nos couraçados, nos

## CONTRADIÇÕES

## A ciência e o seu desenvolvimento

torpedeiros, nos destroyers que a arte da construção naval atinge maiores requintes. Para os tornar fortes, poderosos, invencíveis os melhores engenheiros não se poupam a esforços. E afinal — mais uma contradição! — todas essas maravilhas de uma ciência desumana podem subverter-se num momento se as alcança na sua trajetória um torpedo que outros sábios amorosamente prepararam.

Se duma fábrica sai um novo aço mais tenaz, uma substância explosiva mais potente, é possível que venham a servir para rasgar as entranhas da Terra e pôr a descoberto novas riquezas. Mas servirão também, sem dúvida alguma, para fabricar novos canhões de maior alcance e mais mortífero efeito.

Quando os sábios, nos seus laboratórios, isolam os germes das mais terríveis doenças, é para melhor os estudarem e combaterem. Mas esses mesmos micro-organismos talvez sejam utilizados amanhã para aniquilar um povo.

A ciência com todos os seus incessantes aperfeiçoamentos está, pois, ao serviço das indústrias de guerra. A arte da destruição tomou requintes e subtilezas, alcançou o esplendor no campo das realizações técnicas, ocupou lugar absorvente nos orçamentos públicos e nas preocupações dos estadistas.

Quem se dedica á tarefa ingrata e nobre de fazer progredir as ciências deve ter este facto bem presente no seu espírito. Ao curvar-se sobre as provetas e retortas das suas experiências o inventor deve lembrar-se que se dos seus trabalhos resultar alguma cousa de util para a colectividade arrisca-se a morrer pobre e ignorado. Mas se das suas locubrações resultarem novas armas, processos aperfeiçoados de aniquilamento, engenhos de destruição mais poderosos, o seu triunfo está assegurado. Os

## DA CIVILIZAÇÃO

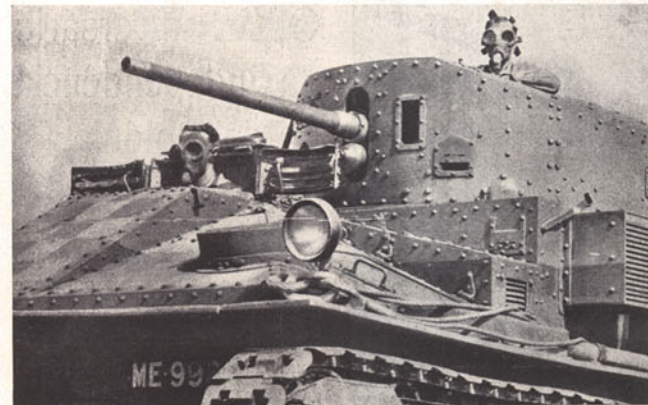
## A ciência da guerra durante o século actual

estados-maiores interessar-se-ão pelo seu trabalho. As potências disputarão entre si o produto do seu esforço, prontas a pagar-lho por alto preço. E até a própria espionagem tecerá á volta do feliz inventor uma deliciosa rede de emocionantes aventuras.

Nobel quando aperfeiçoava os explosivos que as suas fábricas produziam em grandes quantidades, supunha que, no dia em que as armas modernas alcançavam a plenitude do desenvolvimento, a paz seria duradoura entre os homens pelo receio de todos em desencadear pavorosas catástrofes. Mas Nobel morreu há cinquenta anos e o seu cérebro não podia conceber a hecatombe que de 1914 a 1918 havia de ensanguentar o mundo. As suas cândidas ilusões de visionário não são hoje permitidas a nenhum homem consciente.

A verdade insofismável é que as grandes potências se armam com desespero de suicidas. Motorizam-se os exércitos para que se desloquem mais rapidamente e possam intervir fulminantemente em caso de guerra. A aviação melhora as suas possibilidades — maior carga de explosivos transportada a maior altura com maior velocidade. Fabricam-se novos gases, mais deletérios que á qualidade de asfixiantes juntam a de corrosivos. E não param por aqui as arrepiantes concepções destinadas á guerra moderna. A rarefacção do ar na estratosfera permite atingir velocidades mais elevadas e cobrir distâncias maiores? Pois aproveite-se essa circunstância para lançar torpedos aéreos que vão semear a morte a milhares de quilómetros de distância.

Á custa dos maiores esforços, as conferências do Desarmamento e Naval procuram manter um difícil equilíbrio no actual estado de coisas. Mas que sucederá se esse equilíbrio vier a romper-se? Uma franca



Um «tank» moderno

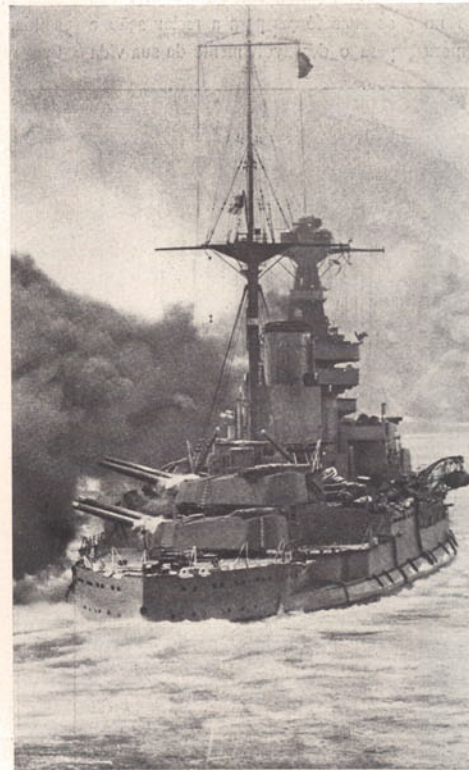
corrida aos armamentos donde surgirá o mais espantoso cataclismo da História do Mundo. Como será a guerra de amanhã? Eis a pergunta angustiada que o Homem de

hoje fórmula ao destino. Entrará em acção a arma bacteriológica, a mais hedionda de todas? Surgirá o famoso "raio da morte" capaz de fazer parar os motores dos aviões em pleno vôo e de transportar a morte nas ondulações do éter? Tudo é possível. Os limites da ciência são dilatados quando se trata de destruir.

Nas gravuras que ilustram estas páginas quisemos estabelecer um confronto entre as armas antigas e modernas. Separa-as mais dum século de intensa civilização, de assombrosos progressos. E a comparação parece-nos eloquente. Nela se afirma que a civilização não eliminou do espírito humano os seus primitivos instintos de ferocidade.

O "tank", poderoso que vemos á direita e cuja missão consiste em marchar sobre as trincheiras inimigas, favorecendo o avanço da infantaria, tem a sua réplica no original carro de guerra que vemos do lado oposto e que o prendeu quasi duzentos anos. Trata-se do invento do inglês Salder, que foi, nesse sentido um precursor. Consistia num veículo puxado a cavalos sobre o qual iam montadas duas pequenas peças de artilharia e destinava-se a proteger o avanço da cavalaria.

Curiosa é, também, a comparação entre o navio almirante de Nelson e o moderno couraçado "Malaya", uma das mais poderosas unidades da marinha de guerra britânica.



Um poderoso couraçado





Prof. Dr. Ignacy Moscicki. Presidente da República Polaca

No dia 11 de Novembro passou o 16.º aniversário do Armistício e ao mesmo tempo o 16.º aniversário da Restauração da Polónia Independente.

Tôda a Nação polaca, tanto no país como no estrangeiro, comemora solenemente o dia da Restauração da Independência da Polónia.

Essa data comemorativa é dedicada a homenagear o Libertador da Polónia— Marechal Pilsudski, que há 16 anos, nesse dia memorável regressou de Magdeburgo à Polónia para assumir a direcção dos destinos do País.

Depois de ter organizado o país, o Marechal Pilsudski forma o Govêrno estabelece a criação de quadros administrativos e militares, faz promulgar leis e as antigas regiões austriacas, alemãs e russas unem-se num poderoso esforço nacional.

A grandiosa obra de desenvolvimento para estabilidade das relações políticas e económicas deve-se ao Marechal Pilsudski, que di-

## O XVI aniversário da independência da Polónia

rige os destinos da Polónia com a mais nítida compreensão e competência, tornando assim o país, de ano para ano, cada vez mais potente e mais forte. Desta forma a Polónia constitui actualmente um factor preponderante na política internacional da Europa.

### Declaração de S. Ex.ª Sr. Ignacy Moscicki

Presidente da República Polaca

“A Polónia tendendo com todos as suas fôrças para a restauração e para o desenvolvimento da sua vida



Jozef Pilsuiski, 1.º Marechal da República Polaca

económica, deseja antes de mais nada contribuir neste domínio para o esforço geral que visa ao restabelecimento do bem-estar e da prosperidade de tôdas as nações. Por isso convém saudar com satisfação tôda a iniciativa que tenha por fim apresentar uma imagem exacta do trabalho que se vem prosseguindo na Polónia.

“O conhecimento profundo e completo dêste estado de coisas na Polónia contribuiria para intensificar mais ainda as nossas relações económicas com os outros países e para realizar o ideal duma união universal num trabalho comum, pacífico e produtivo”.

\*

A Polónia foi, em todos os tempos, o símbolo do povo martirizado, da independência oprimida. Esta data festiva e gloriosa em que se celebra a sua redenção tem por isso um vasto significado que interessa aos povos do Mundo inteiro e a que o nosso País não pode permanecer diferente.

Pilsudski por ocasião da sua passagem na ilha da Madeira





# A QUINZENA DESPORTIVA



*José Santia, o popular pugilista português*

A corrida aérea de Londres a Melbourne, a qual nos serviu de pretexto a algumas resumidas considerações na crónica anterior, terminou com resultados tão extraordinários que somos forçados a apreciá-los, encarando-os como a conclusão lógica do formidável progresso realizado pelo homem na conquista do ar.

Os jornais portugueses, mesmo os de especialidade desportiva, pouca importância deram ao facto e, no entanto, a proeza dos ingleses Scott e Campbell Black é bem digna de ser realçada como um feito desportivo de atletas excepcionais, atletas que souberam dispender sem reservas, ao serviço da vitória ambicionada, uma energia indomável, uma tenacidade férrea, uma resistência hercúlea.

Estes dois homens, percorrendo 19.160 quilómetros em 71 horas, menos de três dias, descansaram durante a viagem poucos minutos mais que sete horas, o que nos impõe ao respeito uma invulgar resistência à fadiga. Se a máquina que os levou deu provas de perfeição e solidez, os homens-tripulantes afirmaram-se também de aço da mais rija tempera.

A primeira ligação de Londres a Melbourne foi efectuada em 1919 pelo capitão Ross Smith, que seu irmão acom-

panhava, tardando 28 dias em alcançar o objectivo australiano. Em quinze anos a média da velocidade prática ascendeu de 27 para 270 quilómetros, testemunhando as enormes possibilidades da aviação contemporânea.

Sem alguns incidentes sofridos entre Singapura e Pôrto Darwin e depois desta cidade a Charleville, o avião de Scott e Campbell Black, munido dum motor de apenas 500 cavalos, teria ultrapassado, incluindo os tempos de aterragem, a média dos trezentos quilómetros horários.

Os corajosos ingleses atravessaram a Europa do sul e a Ásia em três vôos: de Inglaterra a Bagdad, 4070 km., daqui a Allahabad, 3700 km., e desta cidade indiana a Singapura, 3530 km.; na primeira escala demoraram em terra 35 minutos, 1 hora 7 minutos na segunda, e apenas 20 minutos na península de Maláca. Até este ponto a velocidade conseguida foi de 305 km. por hora!

A fantástica prova de Scott e Campbell não deve fazer-nos esquecer o extraordinário feito dos segundos classificados, empregando um grande avião de transporte, tripulado por quatro homens, conduzindo três passageiros e 210 quilos de correio.

O aparelho de Parmentier e Moll, de origem americana, é o quadragésimo-quarto construído rigorosamente em série pela fábrica Douglas, e destina-se ao serviço na linha Amsterdam-Batávia. Para valorizar mais o significado comercial da sua viagem, os dois holandeses aterraram em todos os portos que são escala obrigatória na carreira acima indicada, o que os obrigou a percorrer algumas centenas de quilómetros mais do que os vencedores.

A-pesar-de tudo, se não tivessem sofrido entre Charleville e Melbourne, na etapa final, os efeitos duma terrível tempestade que os afastou do caminho e obrigou a descer num terreno de recurso, o seu atraso à chegada em vez de 19 h. 18 m. teria sido, quando muito, de 5 ou 6 horas.

No confronto dos "records," destas duas equipas, hesita-nos o espírito na prefe-

rência, e ambas têm jús a ser arquivadas no registo dos grandes feitos da aviação mundial.

A Itália, que se vira forçada por circunstâncias várias a não participar na grande corrida britânica, não quis deixar, contudo, os seus créditos em mãos alheias e na véspera da partida e no dia seguinte à chegada de Scott a Melbourne, afirmou a elevada classe da sua aviação conquistando ou melhorando dois dos mais significativos "records," mundiais.

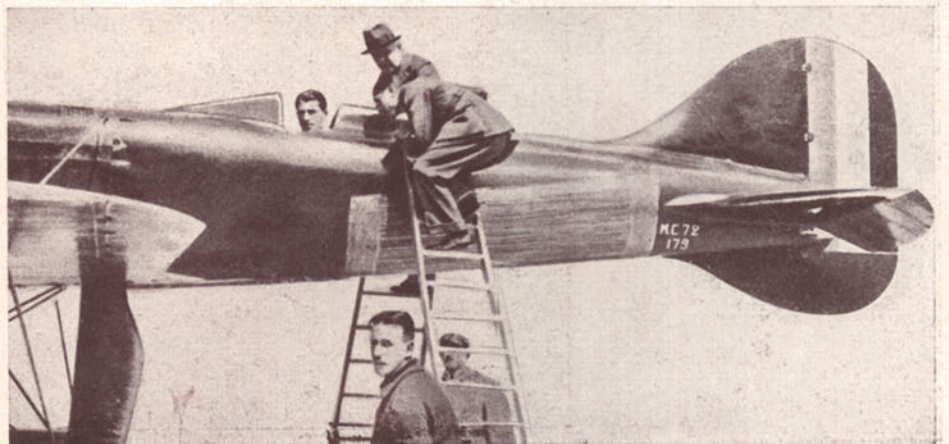
Foi, primeiro, a tripulação Stopano, Coradino e Suriano que bateu o récord da distância em linha recta, em hidro-avião, percorrendo 4122 quilómetros, e; depois, o tenente Francisco Agello que elevou o seu próprio récord da maior velocidade no ar, de 682<sup>km</sup>,870 para 709<sup>km</sup>,202 por hora.

Estes números criam-nos no espírito uma noção difícil de concretizar; não se concebe facilmente o que seja a deslocação dum bólido a mais de setecentos quilómetros por hora, 11<sup>km</sup>,600 por minuto, mil e cem metros por segundo!

Quando, há umas escassas dezenas de anos, os automóveis começaram atingindo velocidades de sessenta e setenta quilómetros horários, os fisiologistas afirmaram que havia sido atingido o limite das possibilidades humanas, pois a constituição orgânica não lhes permitia ir mais além.

Mais tarde, destroçados estes tímidos prognósticos pelo progresso constante da mecânica, quando os aviões entraram a marchar pela casa das centenas, estabeleceu-se nos quinhentos quilómetros um novo termo às ambições de rapidez, porque, dizia-se, a tal velocidade o piloto tinha os olhos injectados de sangue, e a vista se lhe turvava perigosamente a cada viragem. Afinal, chegaram os seiscentos, os setecentos, e Agello declarou após o seu exito que tudo correu às mil maravilhas e espera em breve fazer melhor, sacando do seu aparelho mais uns cinquenta quilómetros de média.

Quando serão alcançados os mil quilómetros, rasgando às possibilidades humanas, novos horizontes? Tudo nos indica



*O avião em que o tenente Agello bateu o "record" do Mundo de velocidade. Vê-se o intrépido piloto sentado no posto de pilotagem*



que seja breve, tão vertiginosa tem sido a evolução no passado.

Felizmente para o nosso brio nacional, podemos escrever também que a aviação portuguesa, dentro das suas capacidades relativas, deu prova de louvável iniciativa e acompanhou como pôde, o momento mundial.

A viagem Lisboa-Timor, empreendida pelo tenente Umberto da Cruz, tem decorrido com regularidade excelente e marca, na categoria a que pertence o pequeno avião utilizado, uma proeza digna do melhor apreço. As jornadas sucedem-se sem acidente, e o valoroso aviador aproveita ao máximo os recursos e o raio de acção do aparelho que o transporta.

Por outro lado, o festival organizado na Amadora em memória do malgrado capitão Plácido d'Abreu revestiu-se dum raro brilhantismo, podendo afirmar-se que pela primeira vez em Portugal se apresentou ao público aviação artística, espectáculo de requintada beleza, prendendo a atenção e emocionando os mais calmos e indiferentes.

E' para desejar a repetição de festivais semelhantes, servindo de atractivo ao interesse popular pela aviação e contribuindo eficazmente para o progresso da quinta arma em Portugal.

José Santa, o popular Camarão que há cinco anos abalára de Portugal em busca da glória e da fortuna, regressou ao seu país e combateu uma vez mais ante o público compatriota.

O gigantesco Santa, o homem que no "ring" domina em estatura o colossal Carnera, depois de haver percorrido a Europa, tentado a sorte em terras de Santa Cruz, permanecera mais largo prazo nos Estados Unidos, a nação dos sonhos doirados de todos os pugilistas ambiciosos.

Sem alcançar o primeiro plano na cena pugilística, o hércules português marcou uma posição interessante e, bem orien-

tado, mantendo durante a sua permanência no país dos dolares uma actividade interessante e proficua.

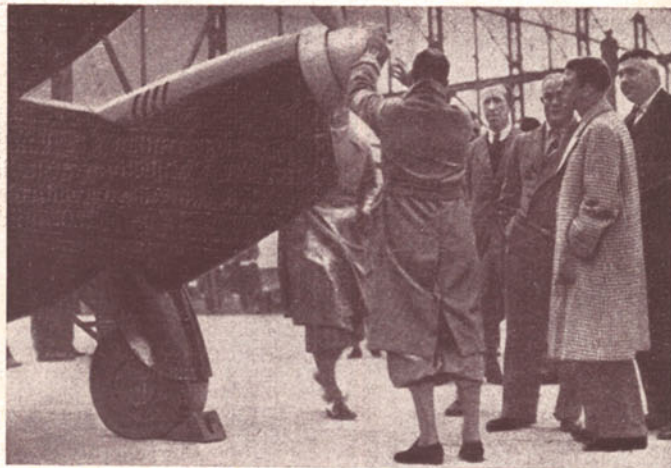
Não conhecemos ainda, ao escrever estas linhas, o resultado do combate de Santa com o espanhol Villar, que auguramos no entanto favorável ao nosso compatriota. Mas porque é pouco conhecido entre nós o «récord» deste desportista que honrou e fez boa propaganda do nome português em terras estrangeiras, parece-nos curioso e oportuno invocar neste momento algumas das suas principais peripécias.

José Santa disputou na América mais de trinta combates em três anos de permanência. Defrontou adversários de nome consagrado, e muita vez os venceu, merecendo figurar na lista dos dez melhores pesos americanos. Chegou até, a bater-se com o actual campeão do mundo, Max Baer, à data aspirante ao título, e que o bateu por K.-O. ao décimo assalto, tendo sido de Santa a vantagem durante os seis primeiros "rounds".

O campeão nacional, passada a sua época, que para os praticantes da nobre arte desaparece rapidamente, voltou à sua terra, onde quis terminar a sua carreira desportiva, começada sob os auspícios dos aplausos lisboetas.

O desporto português prossegue uma existência sem interesse, reduzida quasi exclusivamente à marcha regular dos campeonatos regionais de football. Estes mesmo, reunindo os adversários de sempre, não merecem comentários es-

Scott e Campbell a partida da Inglaterra para a corrida Londres-Austrália. O príncipe de Gales presenciara a manobra da descolagem...



peciais e demonstram, pela incoerência de certos resultados, a inconsistência de classe dos grupos concorrentes e o valor periclitante do football português.

Das restantes modalidades, apenas o handball, talvez por ser o mais novo, manifesta actividade regular, seguindo a marcha dum torneio que ano a ano reúne maior número de participantes.

Hockey e basketball não passaram ainda de provas preparatórias, enquanto o rugby permanece adormecido apesar dos esforços pertinazes do Gimnásio para impedir que este sono se transforme em agonia.

Tarde, mas mais vale tarde do que nunca, o ciclismo fez disputar os seus campeonatos nacionais, adoptando um critério de ampla participação que concorda com os pontos de vista defendidos nas páginas da *Ilustração*.

Finalmente, e esta é a nota mais agradável, reabriram em todos os clubes e institutos de educação física, as classes de ginástica, sendo numerosa a concorrência a certificar os progressos feitos no espírito público pelas boas normas em matéria de preparação física.

O Gimnásio Club Português, o mais antigo e glorioso baluarte da ideia, inaugurou o seu ano lectivo com uma festa brilhantissima, na qual o ilustre professor dr. Leal de Oliveira pronunciou uma conferência sobre a educação física feminina, digna da maior divulgação e sob todos os pontos de vista utilíssima.

Da frase lapidar de Tissier: «A mulher forte faz a raça forte», o erudito conferente concluiu que a «fraqueza dos homens e das pátrias começa com a fraqueza das mães». Infelizmente a educação física feminina tem sido desprezada entre nós, e o trabalho corporal é garantia indispensável da saúde, da beleza e da resistência às lutas da vida, necessárias à mulher para garantia da sua felicidade e do futuro da Nação.

Estas foram as teorias basilares eloquentemente apresentadas pelo dr. Leal de Oliveira e que oxalá sejam compreendidas pela mulher portuguesa para benefício da raça nas gerações futuras.

O avião «Hotel Aéreo» em que Parmentier e Moll atingiram a Austrália

Salazar Carreira





## RAINHA E POETISA



A rainha Elisabeth da Roménia com duas internadas dum recolhimento de cegas de Bucarest

ELISABETH DE WIED, rainha da Roménia é conhecida em toda a Europa pelo seu simples pseudónimo de Carmen Sylva; pseudónimo que ela tornou distintíssimo nas letras. Poetisa duma delicadíssima inspiração, os seus pensamentos que têm sido traduzidos em todas as línguas, têm a profundidade de observação que dá uma grande inteligência, e a delicadeza da sensibilidade, duma alma muito sentimental. Carmen Sylva não foi feliz e a sua má estrela persiste em perseguir os seus descendentes. A trágica viúva de Alexandre da Jugoslávia, a linda rainha Maria, é neta da grande escritora e da bondosíssima alma, que foi Carmen Sylva, a rainha Elisabeth da Roménia. Filha dos príncipes de Wied, recebeu da princesa Maria, sua mãe, uma educação que devia afinar todas as qualidades com que tinha nascido. Duma grande caridade, a princesa Maria habituou sua filha a visitar com ela os pobres a familiarizar-se com a miséria desenvolvendo no grande coração dessa que devia ser rainha, o germe da compaixão, essa doce compaixão pela humanidade que sofre, de que está repassada toda a sua obra literária, que nos revela uma alma cheia de tesouros de ternura e uma inteligência brilhantíssima. Como rainha foi queridíssima do seu povo, como esposa não foi bem compreendida a sua grande alma. Seu marido, homem rude e violento preocupava-se mais com a política e com o seu reino do que com os sentimentos excessivos dessa mulher toda espiritual, que o destino lhe dera por esposa. Dedicou ela toda a sua ternura ao filho. E, como o que tinha dentro do cérebro precisava expandir-se, começou a escrever. Resolveu publicar os seus escritos, todos tão interessantes e com o cunho com que uma grande inteligência marca tudo o que faz. Publicou-os com um pseudónimo simples como a sua alma. Em pouco tempo Carmen Sylva era conhecida em toda a Europa, havia imensa curiosidade

em saber quem era essa mulher que assim escrevia. O segredo não se manteve e a rainha tornou-se conhecida como nenhuma outra o foi. A sua luminosa literatura chamava a atenção sobre a sua personalidade. A felicidade que ela não tinha, gostava de a espalhar em sua volta. Rodeou-se dum escolhido grupo de raparigas novas, inteligentes, cultas, que formavam a o seu talento uma verdadeira corte de jogos florais. A sua volta a vida sorria nesses rostos moços e nessas imaginações vivas. A vida decorria entre música e literatura. Mas isso não bastava à actividade dessa mulher superior nem à sua ternura pelos que na vida sofrem, como no meio da sua grandeza, sofria a sua alma, e, entre os sofrimentos que castigam a humanidade, a cegueira, o maior de todos êles, confrangia-a numa piedade imensa. Há nada mais horrivelmente triste do que não vê, o sol que nos ilumina, não poder contemplar as belezas que nos rodeiam, não poder vêr aqueles que amamos e que nos acarinham? Esse sofrimento trouxe uma ideia carinhosa à rainha, e que ela fundou uma das mais belas obras que têm existido. A "Natra luminosa". O "lar luminoso", para aqueles que não vêem. Na Roménia havia então uma terrível percentagem de cegas, na população. Ali recolhia rapazes, raparigas e com uma verdadeira intuição do seu coração sofredor de mulher duma sensibilidade extrema, resolveu construir pequenas casas, onde as cegas casadas, continuavam a viver a sua vida de família, para que no asilo elas não sofressem essa terrível sensação do ente banido da sociedade pela desgraça física. Em pouco tempo essa obra magnífica desenvolveu-se e os cegos tiveram uma vida normal. Um deles Theodorescu inventou uma máquina impressora para cegos, e, com a venda dessa máquina e dos autógrafos da rainha a "Natra luminosa", viu o seu rendimento muito aumentado. Mas não tinham ainda acabado os desgostos dessa rainha de cabeça precocemente embranquecida, de pele branca e rosada. Seu filho estava um homem. Entre as jovens que a rodeavam uma se destacava pela sua beleza, inteligência lúcida, e quem sabe se um pouco de ambição. Elena Nacaresco assenhoreou-se do coração do futuro rei. Para êle ne-

nhuma outra mulher existia. Sua mãe para quem o intelecto vigoroso e a graça estranha da sua dama de honor e amiga valiam mais do que o sangue real duma princesa desconhecida, pôs-se a seu lado. A intriga fervia na Côte, o rei autoritário exigiu a partida de Elena, a rainha escudou-a com a sua amizade intrépida, que lealmente ousava revelar-se contra o esposo e contra o rei para defender o amor romântico de duas creanças, que adorava. Foi exilada por ordem real. Veneza a cidade de sonho viu passar nos seus canais ao entardecer, numa gondola uma mulher vestida de branco, a cabeça branca, a cara fresca e moça e uma rapariga melancólica, que via esmagado o seu ambicioso sonho de amor pela fria razão de Estado. Pierre Loti o delicado escritor francês que a rainha distinguia com a sua amizade deixou-nos um livro encantador "Exilée", com a vida da rainha e da sua protegida, que ela considerava quasi como uma filha, no seu doirado exílio de Veneza, em que uma chorava o seu reino longínquo, a separação do seu filho e a outra a perda do seu amor e duma corôa. O príncipe submeteu-se e casou com uma formosíssima alemã a princesa Maria. Carmen Sylva voltou para o seu reino dedicou-se toda às suas obras de caridade e quando enviuvou, quasi que só vivia para a "batra luminosa". É nessa fase que a nossa gravura mostra com duas das suas protegidas das mais queridas, uma delas bandolinista distinta distrae a velha rainha tocando árias nacionais no seu instrumento tão querido do povo da Roménia. Elena Nacaresco desiludida do amor, dedicou-se ao estudo e hoje a sua inteligência sólida brilha no seu país, que a fez sua representante na Sociedade das Nações. Perdida a beleza com a mocidade essa mulher que o romance poético da sua mocidade tornou célebre, vive pelo cérebro e serve com o seu vigoroso intelecto o seu país, esse país de que poderia ter sido rainha. Carmen Sylva morreu serenamente legando á Roménia a sua encantadora obra literária tão feminina e sentimental, e, a sua comovedora obra social, de consolação e amparo aos que não vêem. Carmen Sylva morta há alguns anos não pode mem deve ser esquecida pelas mulheres de todos os países, ela que se salientou como escritora e como alma de eleição, sacrificando o seu bem-estar às suas ideias. Essa rainha foi uma das maiores demócratas do seu país. E sempre que é lembrado por toda a Europa, qualquer membro da sua família o seu nome, brilha puro e miraculado, na história da literatura e na história do seu país. É para desejar que sua neta a formosa rainha viúva da Jugoslávia, saiba tornar em obras úteis as suas desoladas lágrimas de viúva, a quem uma tragédia despedaçou a vida, igualando a sua avó que das suas desilusões, fez sorrisos para os desherdados da sorte, como a nossa rainha Santa Isabel, tornou em rosas pedaços de pão.

Maria de Eça.





Napoleão III

DESDE as eras mais remotas que a Humanidade atribui a certos números propriedades sobrenaturais, crendo ver nuns terríveis presságios e outros sinais de bom augúrio.

Assim, o número sete foi sempre considerado maravilhoso e encontra-se ligado a muitas lendas e mitos religiosos. Segundo a Bíblia, Deus fez o Mundo em seis dias e descansou no sétimo. A semana de sete dias vem-nos dos tempos dos Caldeus que construíam as suas torres com sete andares. Durante a civilização faraônica eram sete as essências aromáticas empregadas para embalsamar os cadáveres. Sete foram também as maravilhas do Mundo e os sábios da Grécia. As notas musicais são igualmente sete. E o próprio Cícero não hesitava em afirmar que esse número prodigioso era "a base de todas as coisas".

A religião católica está também impregnada do número sete: o livro dos sete selos do Apocalipse, os sete arcanjos, os sete pecados capitais, os sete virtudes, etc.

Treze é, por outro lado, um número a que se atribuem propriedades malféticas. É da tradição evitar que se sentem treze convivas a uma mesa. Há tempo, o príncipe de Gales convidou catorze pessoas para um banquete. Como um dos convivas faltasse, ordenou que se arranjassem um manequim que foi servido como se duma pessoa se tratasse.

Em diversos países, como a Alemanha, a Itália e a Inglaterra, o treze não figura nas numerações das ruas e é substituído pelo 12-A. Certo dia a Municipalidade de Londres resolveu lutar contra a superstição e proibiu que o número fatídico fosse suprimido. Choveram imediatamente as reclamações. Os proprietários dos prédios abrangidos pela disposição

camarária queixaram-se de não poder encontrar locatários, a despeito das maiores reduções nas rendas.

Muitos homens superiores têm sido dominados pelo terror supersticioso do número treze. Vítor Hugo atribuiu-lhe influência nefasta na sua vida. Nos apontamentos que lhe serviram para a composição de "Choses vues", encontra-se a seguinte nota:

"Alice fez-me esta observação: O treze persegue-nos. Durante todo o mês de Janeiro temos sido treze à mesa às quintas-feiras. Saímos de Paris em 13 de Fevereiro. Eramos treze no vagão de caminho de ferro. Moramos na rua Saint Maur número 13."

Theodore de Bainville participava d'este receio supersticioso. Morreu exactamente a uma sexta-feira, 13.

Conta-se também que o tzar Alexan-



Vítor Hugo

dre III vivia dominado pelo pavor nos dias 13 de cada mês. Sofria de verdadeiros acessos de loucura que o levavam a isolar-se nesses dias que supunha fatídicos. Recusava-se a assinar o mais insignificante documento e é essa a razão porque muitos dos seus decretos são datados de 14.

O número treze está ainda ligado à vida do grande compositor Richard Wagner por uma série de coincidências singulares. Wagner nasceu em 1813 e morreu em 13 de Fevereiro. O seu nome compõe-se de treze letras. Escreveu treze dramas musicais. Terminou a composição de "Tannhäuser" em 13 de Abril de 1844. A primeira representação desta ópera em Paris realizou-se em 13 de Março de 1861 e deu origem a cenas tumultuosas entre os admiradores e os adversários do grande compositor. Mas

## A superstição dos números fatídicos

### Algumas coincidências que aparentemente a justificam

em 13 de Maio de 1895, a discutida obra voltou a subir à cena com êxito triunfal. A última estadia de Wagner em Bayreuth terminou em 13 de Setembro. Encontrou-se pela última vez com Liszt em Veneza em 13 de Janeiro de 1883. Finalmente, Wagner morreu no 13.º ano do Império alemão.

Há quem veja, porém, o número treze com bons olhos e lhe atribua uma influência propícia. Beaudelaire deixou escrito: "Nasci na rua de Hautefeuille, 13, número de que gosto." O marechal Roberts no seu livro "Quarenta e um anos na Índia", conta que no dia de Ano Bom de 1857 se reuniu num jantar com os doze oficiais que prestavam serviço sob as suas ordens. Pouco tempo depois rebentou uma revolta de indus em que perderam a vida muitos oficiais ingleses. Nenhum dos que tomaram parte no jantar sofreu, porém, qualquer coisa.

Em Inglaterra tem-se desenvolvido uma activa campanha contra a superstição do número treze. Existe um "Comité de luta contra os preconceitos" que se esforça por eliminar certas tradições absurdas. Um padre anglicano celebrou no mesmo dia 13 casamentos. Decorreram já seis anos e todos os casais são felizes.

Entre os clubes excêntricos ingleses conta-se o "Club dos Treze", cujos treze membros asseguram que nenhuma desgraça de grande monta os atingiu desde que há vinte e três anos fundaram a sua associação. Todos foram mobilizados durante a guerra mas nenhum foi morto ou ferido sequer. Há três anos, porém, morreu um deles no dia 13 de Janeiro e, a despeito de tudo, o caso provocou emoção entre os consócios.

Catorze, que é o dobro de sete, é também considerado por alguns como dotado de propriedades nefastas. A vida do escritor René Boylesve, por exemplo, parece ter decorrido sob seu signo fatídico.

Boylesve nasceu em 14 de Abril. Sua mãe que fazia anos no mesmo dia, morreu também num 14 de Abril. Êste número era a sua obsessão. Um dos seus biógrafos conta o seguinte caso:

"As últimas páginas por êle escritas em Janeiro de 1926 são o princípio duma grande novela intitulada "Os amantes exemplares". Tinha chegado à fôlha 14 quando foi obrigado a largar o trabalho.

Sem dúvida que ao abandonar a secretária onde contava voltar em breve, Boylesve não pôde reprimir uma vaga emoção ao notar que interrompera o seu trabalho na fôlha 14. Não voltou mais a sentar-se à secretária." Acrescentemos que o escritor morreu em 14 de Janeiro.

Uma série curiosa de coincidências parece ligar também a sorte dos reis de França ao número catorze. A restauração dos Bourbons deu-se em 1814. O golpe mortal na dinastia dos Capetos fôra dado em 14 de Julho de 1789. Foi em 14 de Fevereiro de 1723 que Luís XV completou 14 anos de idade e que a Regência lhe transmitiu os poderes. Luís XIV subiu ao trono em 1643, começou o seu governo pessoal em 1661 e morreu em 1715. Em todas estas datas, a soma dos dígitos que as compõem perfaz catorze. Viveu 77 anos, número cujos algarismos somam também 14.

Luís XVIII começou o seu reinado em 14 de Maio e morreu a 14 de Maio. Tinha subido ao trono há 14 anos quando convocou as Côrtes de 1614.

Henrique IV nasceu em 14 de Dezembro de 1553, data cujo produto de dígitos é 14. Venceu a batalha de Ivry em 14 de Março. Foi assassinado em 14 de Maio. A sua primeira mulher, Margarida, nasceu em 14 de Maio. Tanto as letras do seu nome, Henri de Navarre, como do de sua segunda mulher, Maria de Medicis, são em número de catorze.

Por sua vez o número 17 foi sempre fatal à família de Napoleão. Um curioso assinalou as seguintes coincidências:

"As letras que formam o nome de Napoleão Bonaparte são em número de dezassete. O ano do nascimento de Napoleão III — 1808 — dá 17 pelo soma dos algarismos que o compõem. A era do nascimento de M.<sup>elle</sup> Montijo, mais tarde imperatriz Eugénia — 1826 — perfaz também 17. O mesmo sucede com 1853, ano do seu casamento. Dessa época até 1870, ano da queda do Imperador, decorrem 17 anos. Por ocasião da morte de seu pai, o príncipe imperial contava 17 anos. O príncipe Vítor nasceu em 1862 cujos dígitos somam também 17."

Seria interminável a lista se quiséssemos registar todas as coincidências deste género que se conhecem.

Aos olhos da razão que podem elas

provar? Absolutamente nada. A matemática, através do cálculo das probabilidades, demonstra-nos que as mais extraordinárias coincidências podem produzir-se sempre que o número de "experiências", seja bastante elevado. Ora a História está cheia dessas "experiências", e nada há de sobrenatural em que por intermédio de algumas se produzam inexplicáveis coincidências.

Deve ainda notar-se que a superstição actua sobre o espírito dos homens pode exercer influência sobre a marcha dos acontecimentos. O receio do número 13, por exemplo, pode provocar num determinado indivíduo um estado de depressão nervosa que ameace a sua saúde ou o faça modificar as suas atitudes. É um caso de auto-sugestão, consciente ou inconsciente, que os psicólogos não ignoram. Duma maneira geral, a superstição dos números fatídicos é, como todas as outras, nefasta ao desenvolvimento do espírito humano. Lutar contra ela é pois obra meritória que constitui um dever para todos os homens conscientes.

Um dos números que têm sido objecto de mais divagações é o célebre 666 do Apocalipse. Conhece-se de longa data um cálculo feito sobre este número que, embora um tanto artificial, tem o seu interesse.

Se se multiplicar por três metade do número apocalíptico, que é o 666, obtém-se um produto de 999. Nos algarismos árabes que usamos, o mesmo resultado pode até conseguir-se pela simples inversão dos sinais gráficos.

Vem a propósito dizer que o três é, por excelência, um número místico. Está ligado a uma longa série de símbolos religiosos, como seja o da Santíssima Trindade. Esta predominância do três é explicada por Freud, o criador da psicanálise, através de complexas teorias que não cabe aqui referir.

Mas voltemos ao 999, produto, como vimos de metade do número apocalíptico por três. Se escrevermos duas vezes esse resultado obteremos 999.999. Até aqui nada há de extraordinário mas se dividirmos este último número por sete encontraremos um quociente dotado de notáveis propriedades.

Como o leitor pode verificar, o quo-



Richard Wagner

ciente em questão é 142.857. Experimente-se agora multiplicar esse número sucessivamente por 2, 3, 4, 5 e 6. Obter-se-ão para cada uma dessas operações os seguintes respectivos resultados: 285.714 — 428.571 — 571.428 — 714.285 e 857.142.

Ora é curioso notar que os algarismos que compõem o primeiro resultado se repetem nos seguintes, permutando apenas as suas posições.

Com um pouco de boa vontade, nada mais fácil do que ver nisso um facto maravilhoso. Tanto mais que para chegar a esse surpreendente resultado se utilizam os números 3 e 7 que, como dissemos, são desta a mais remota antiguidade considerados como possuidores de virtudes sobrenaturais.

O número apocalíptico tem servido também a diversas tentativas para explicar a origem do treze, como número de mau agouro. A verdade, porém, é que nada se sabe sobre as razões da eleição do 666 para figurar no Apocalipse.

Escusado será dizer que a explicação que se pretende dar do agouro do treze com a Ceia bíblica em que tomaram parte Cristo e doze apóstolos, não tem qualquer fundamento. Essa superstição é muito anterior à era cristã e encontra-se em diversas tribus mongólicas e indianas que ignoram a Bíblia.





**A** criança tem para toda a mulher digna desse nome o maior interesse. Quem não tem filhos, tem sobrinhos, tem os filhos das suas amigas, tem uma criança que protege e que a interessa e tem mesmo ternura por todas as crianças em geral e pelo seu bem estar. Já neste lugar eu disse o bem que às crianças de Lisboa fazem as colônias balneares, quais têm sido os resultados tirados, por essas pobres crianças, que passam o ano em acanhadas casas, em ruas sujas, de bairros pobres e que voltam do pouco tempo que estão nas Colônias, alegres e coradas bem dispostas, recordando com alegria os dias que ali passaram, as suas brincadeiras no mar, as longas horas de praia, que lhes faz ver a vida num aspecto de sonho. Passam todo o ano a sonhar com a volta desse tempo abençoado e contam os dias, os meses, as horas que os separam desse tempo, talvez o único feliz das suas vidas de tristes crianças pobres.

É inútil insistir no que tem de bela essa obra que o jornal "O Século", e as Juntas de Freguesia realizaram com um tão grande sucesso, fortificando milhares de crianças, a quem dão saúde e alegria. Mas havia ainda muitas que não beneficiavam desse bem e não só nas classes pobres. A Classe Média que tanto tem sofrido da crise econômica mundial, teve de se privar de muitas regalias e há inúmeras crianças que não gozam o bem estar dum férias ao ar livre, numa praia ou no campo.

Mas chega-me a grata notícia que o governo tomou a seu cargo essa iniciativa e que já para o ano é obrigatória a Colônia de férias, para todas as crianças, que frequentam as escolas e os liceus. Esta obra merece todos os elogios e toda a mulher se deve interessar por ela. É uma obra social de grande alcance e que muito contribuirá para o desenvolvimento da raça, que bem precisada está de ser regenerada na sua

saúde física, tanto quanto o moral necessita de educação. A criança em geral está fraca e deprimida e quando vemos uma reunião de crianças, as robustas e perfeitas destacam-se por ser a minoria.

Na Inglaterra, esse país em que a criança é tratada com a importância que merece e a que tem todo o direito, nós vemos nos grupos de crianças, que brincam nos parques, sobretudo em St. James Park, que talvez por ser o mais central da cidade de Londres é um dos mais frequentados por crianças, grupos de pequenos atletas, de faces coradas e de aspecto saudável, tornando-se notadas as fracas e débeis que são a excepção. Mas não é só na saúde física que essas crianças são diferentes das nossas, é também na educação. Nas Colônias de férias devia dar-se às crianças um pouco de educação social, ensiná-las a estar à mesa e dar-lhes uma certa noção de cortesia.

Notei na criança inglesa mesmo nos mais pobres bairros da cidade, uma grande educação e sobretudo o respeito pelos adultos. Eu nunca ali vi crianças fazendo assuadas às pessoas credidas antes pelo contrário respeitando-as. Entre nós em todas as classes sociais a falta de respeito é notória. Se alguém passa em frente dum escola à hora de saída dos alunos arrisca-se a que lhe façam caretas, se é uma senhora a ouvir a sua "toilette", criticada pela garotada, se a supõe estrangeira a ser seguida com um vozeado gutural imitando a língua da nacionalidade que lhe atribuem. É lamentável porque significa a falta de educação dum povo. Tendo-me perdido



num bairro pobre de Londres fui acompanhada até um automóvel por três pequenitos, que com a maior cortesia me trataram e tendo-se aproximado dum deles uns pequenos que vinham correndo, ele disse-lhes com ar severo: "Afastem-se, acompanho uma senhora, não os posso atender.. Para mim foi uma revelação do que pode a educação dum povo. Se é com grande alegria que me chega a notícia das Colônias de férias obrigatórias, essa alegria seria completa se nessas Colônias se fizessem uma vez por semana, umas conferências educativas com exemplos, como se fosse uma distração e que pouco a pouco incutissem na criança os princípios de

# PÁGINA SFEMININAS

educação que as famílias não sabem ou não querem dar-lhes. Parece-me que este assunto deve merecer toda a atenção da mulher, que nasceu para ser mãe e portanto educadora. Essa é a sua bela missão, mas se o destino lhe não dá essa honra, resta-lhe sempre o seu instinto maternal, que pode exercer uma acção benéfica. É este o motivo que me tem levado a escrever algumas vezes sobre as Colônias balneares, em vez de falar às minhas leitoras das mil frivolidades que interessam à mulher. Mas hoje felizmente os espíritos femininos dedicam a sua atenção aos assuntos sérios sem abandonar as frivolidades que lhe são naturais.

Maria de Eça.

## A moda

**E**STAMOS já em plena estação de inverno e a moda está já lançada e em pleno sucesso. A modificação é sensível e a diferença grande dos outros anos. Os vestidos compridos, os cabelos mais crescidos e numa careca tendência, para os caracóis no alto da cabeça dão à "silhouette" feminina um aspecto completamente diferente. A mulher elegante que segue a moda abandonou por completo a saia muito curta. Em Lisboa vêem-se ainda senhoras, com as saias curtíssimas que tira às suas "toilettes" por mais modernas que sejam o cunho deste ano. Mas a mulher portuguesa convenceu-se de que tem as pernas muito bem feitas, e, que parece mais nova com o vestido curto, e, não há maneira de a convencer a modificar a altura dos seus vestidos, o que prejudica muito a elegância da sua linha e basta na rua ver as senhoras que têm seguido a indicação da moda, para notar essa diferença. Além de que sendo a mulher portuguesa em geral baixa, a saia curta, marca mais a falta de altura das pernas. Damos hoje às nossas leitoras alguns modelos de que certamente gostarão. Para a noite uma linda capa em "moiré lamé" de ouro forrada de veludo cor de coral. Essa capa tem uma grande elegância podendo ser conservada dentro das salas. O penteadado em caracóis no alto da cabeça tem a mais moderna linha. Para a rua temos de nos preparar para o frio que não tardará a apouquentar-nos. Um lindo casaco de peles «trois

quarts», numa forma novíssima com uma gola gravata de quatro pontas é tudo o que há de mais elegante. Completa a «toilette» um gracioso chapelinho em veludo preto. Para a tarde chapéu em veludo preto guardado com um passaro branco caindo sobre os cabelos arranjados em rólots. Há uma fase tímida para as senhoras que querem deixar crescer o cabelo. Damos hoje um lindíssimo modelo de penteadado que atende a esse caso. A ondulação larga é do mais belo efeito e as pontas apanhadas segundo o seu crescimento formam uns pequenos caracóis, do mais gra-

cioso efeito. A moda tão feminina e elegante convida-nos a segui-la.

## Mulheres da história

**M**UITO se tem falado de Madame de Maintenon chamada também a «rainha sem coroa», e, muito discordantes são os juízos sobre ela. Num recente estudo histórico chegou-se à conclusão que ela não foi tão desleal e tão hipócrita, como tantos o têm dito, pintando-a como a mais sérdida das intrigantes. Se ela alguma intriga fez, foi com o fim louvável de reconduzir a Deus e ao seu dever um soberano bastante incrédulo e muito dissoluto. Ela nasceu em 28 de Novembro de 1635 em Niort, à sombra da prisão, na qual seu pai Constantino D'Aubigné espiava uma condenação por burla e dívidas. Em seguida foi viver com uma tia que quiz fazer dela uma boa católica, mas que começou por a tornar guarda de galináceos. Depois foi mandada para um convento em Paris, mas a jovem não tinha resistência para suportar a severa regra. Aos dezasseis anos quiseram casá-la com o poeta cómico Scarron, feio, disforme, e muito mais velho do que ela. Teve de aceitar e ci-la a viver num estranho ambiente de humoristas, boémios e mulheres sem escrúpulos, amarrada com poucos anos à poltrona dum parálítico, pois assim acabou Scarron.

A morte deste deixou a jovem viúva em grandes embaraços financeiros. Uma pensão da rainha salvou-a e concedeu-lhe o figurar de novo na sociedade culta e elegante. Depois encontrou Madame de Montespan, que apreciando os seus méritos, lhe confiou a educação



dos seus sete filhos de quem era pai Luiz XIV. Em 1673 foram legitimados e a viúva Scarron entrou na corte como sua governante. Pouco depois começava a luta entre a Scarron e a Montespan. O favor desta declinava. O rei estava cansado dela. A modesta governante com os seus dotes intelectuais eclipsava a brilhante favorita. Em 1683 morreu a rainha e o rei mais comovido do que aflito, um ano depois conduzia secretamente ao altar, a senhora Scarron ou antes a duquesa de Maintenon, título que lhe dava uma terra, que ela tinha comprado em 1675. A vida aventureira de Maintenon tinha acabado. Era rainha e a sua influência moral e política sobre o rei eram cada vez maiores. Depois teve o triunfo da sua carreira de educadora com o patronato de Saint Cyr. Depois da morte de Luiz XIV retirou-se para ali onde morreu em 15 de Abril de 1719. Foi uma mulher que tendo nascido à sombra da prisão, pelas suas qualidades intelectuais subiu ao trono e à sombra dele morreu.

## Aforismos sobre o casamento

**F**RANCIS DE CROISSET o interessante conferencista e escritor francês, publicou há anos uma conferência que fez em Manchester, na Inglaterra, que contém uma interessante série de aforismos sobre o casamento feitos sob a forma de conselhos aos maridos. «Não aborreçais a vossa mulher, dizendo-lhe que a amais, enquanto ela prova um vestido. Dizei-lhe antes que o vestido vos agrada muito, ficará muito mais grata. É sempre aconselhável ocupar-vos dos vestidos de vossa mulher e não somente para pagar a conta da modista: O marido constitua para a mulher o público do ensaio geral. Por isso quando veste um vestido novo, não deixar de lhe dizer — Que lindo vestido! — porque se os outros lhe dizem o mesmo, ela apreciará que fosseis o primeiro a julgá-la bem, enquanto se por grande ventura ninguém reparar nisso, ela pensará. Ainda bem que casei com um homem que me compreende e me aprecia. Uma mulher que deixa de nos fazer cenas é uma mulher que deixou de nos amar. Se a vossa mulher é bela é inútil dizer-lhe. Ela já o sabe. Dizei-lhe que é extremamente inteligente. Se ao contrário vossa mulher não é dotada de grande beleza dizei-lhe que é deliciosa e fascinadora. Podeis estar certo de que ela dirá: Meu marido tem alma de artista».

Agora as leitoras casadas dirão se Francis de Croisset tinha razão nos seus conselhos.

## Receitas de cozinha

**Franga assada:** Para 4 pessoas uma franga gorda morta na véspera, 30 gramas de manteiga fresca, uma colher das de café, de sumo de limão, uma tira de toucinho que cubra bem o



peito da franga, quatro gramas de sal fino. Depois da franga bem limpa metem-se dentro dela as 30 gramas de manteiga com três gramas de sal e o sumo do limão. Gosem-se com um fio as pernas da franga, repuxando-as para baixo, cubrindo o peito com uma tira delgada de toucinho. Se antes de se pôr o toucinho se estregar a franga com um limão ficará a pele mais branca e de melhor aspecto à vista, sem prejudicar a qualidade. Põe-se no forno por 40 a 60 minutos, conforme o tamanho e a temperatura do forno. Dez minutos antes de terminar a cozedura tira-se o toucinho para que o calor do forno dê uma cor loura dourada, polvilhando-se com um grama de sal fino. Enquanto está no forno deve regar-se frequentes vezes com a gordura do molho que se fôr produzindo. Para se conhecer se a franga ou qualquer outra ave está no ponto de cozedura conveniente, pica-se com uma agulha grossa uma das coxas da ave: se o suco que sair, fôr branco e claro, está na conta de cozedura, se sair um suco rosado, precisa de mais tempo de lume. Serve-se com o próprio molho aproveitando-se todo o que estiver no tabuleiro. Se a franga tiver de ser comida fria junta-se ao tirar o toucinho, uma boa colher das de sopa, de geleia de carne ou duas de molho de carne assada concentrado. Em estando a ave assada, põe-se na travessa em que deverá ser servida, deixando-a arrefecer, passa-se o molho por peneira, desengordura-se por completo em frio, e o molho gelatinado que ficar aquece-se muito lentamente e espalha-se por cima da ave de modo a ficar bem pegado a ela pela congelação. Frango frito é um delicioso prato de almoço ou jantar, servido só ou acompanhado com umas tiras de «foiegras» e umas fatias de fiambre e uma salada de alface muito fresca temperada de azeite e vinagre, e mostarda francesa. Um vinho tinto de Serraduyres, ou Raposeira, ou um Colares tinto velho são o complemento indispensável a este delicioso e fino petisco, tão apreciado dos que sabem o que é comer bem.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Morenô; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

APURAMENTOS

N.º 13

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VALÉRIO

N.º 16

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 25

OUTRAS DISTINÇÕES

Ignotus Sum, n.º 19 — Lérias, n.º 20 — Vidalegre, n.º 23 — Godinho, n.º 28

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 28 pontos:

Deniz Lima, Frá-Diávolu, Cantente C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso.

QUADRO DE MÉRITO

Chy-No-San, 26 — Sonhador, 25 — Ti-Beadu, 25 — Lisbon Syl, 20.

OUTROS DECIFRADORES

Lomelino Silva, 12

DECIFRAÇÕES

1 — Esta tacar-estacar. 2 — Falado-falado. 3 — Penamilha. 4 — Encalisto. 5 — Salpimenta. 6 — Gostoso. 7 — Duvidoso. 8 — Omnibus. 9 — Obrador. 10 — Lufa-lufa. 11 — Icino-Ino. 12 — Valensa-vasa. 13 — Fornaça-fôrça. 14 — Brinquedo-brindo. 15 — Fecundo-fedo. 16 — Pachorra-para. 17 — Gadanho-ganho. 18 — Larata-lata. 19 — Giro, tiro, gero, gigo, gira. 20 — Vise. 21 — Biobio. 22 — Porque. 23 — Proveitoso. 24 — Merencorioso. 25 — Lelas. 26 — Escravo. 27 — Algazuna. 28 — Nem sábado sem Sol, nem moça sem amor.

METAGRAMA EM VERSO

1) Que atrevimento, *ousadia!*  
Insolento! Malcriado!  
Se eu fôsse homem, passaria  
Com certeza um mau bocado!

Os gracejos a quem passa,  
Como os seus, de tão mau gosto,  
Não têm ponta de graça,  
Tornam rubro qualquer resto.

*Disfarça*, finge não ser  
Consigno este arrazoado?  
Castigo assim, a meu ver,  
Quem é tão mal educado.

Não responde mesmo nada?  
Faz-me pena esse embaraço!  
Não tem mais uma piada?  
Ou, se quiser, um abraço?

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 22

Ande, vá, que como o mel  
Um abraço é saboroso...  
Lá lhe dizem no Torel  
Se o seu preço é mui *custoso*... (4-5)

Lisboa *Irei Satanaz*

NOVÍSSIMAS EM VERSO

2) Deliberadamente e por forma segura,  
Em menoscabo rudo à gente de cordura  
Supeditei à mente alguma *diversão* — 3  
Puramente extremada, a modo que a paixão  
Ovante impunemente, a breve trecho fôsse  
Repelida por fim... pois ela só me trouxe  
Tantálico sofrer, e me tornou descrente.  
Oubrando minh'alma indescritivelmente!  
Mas, hoje — sinto bem! — minha pena  
[minui.  
Em o *espiritual* prazer que tanto instrui, — 2  
No gozo edificante, engenhoso decerto;  
Talvez não queiram crer, — e todavia é  
[certo! —  
A secção do mito. — a «*Edípica secção*»  
Livrou-se, só por si, da insólita paixão!...  
V. S. Pôrto — Bié *Efonsa*

(Aos charadistas da banda da G. N. R.)

NUM RESTAURANTE

3) Entra um frêguês, pede a lista  
E dispõe-se a tasquinhar:  
Chama o criado — o Baptista —  
E manda-lhe preparar,

Mas depressa, sem demora,  
Pois *não* tem tempo a perder, — 1  
Coelhinho à caçadora,  
Que é pitêu bom a valer.

Sente o Baptista embaraço...  
— Se não lhe serve *qualquer* — 2  
Outro prato, nem *pedaço*  
Dêsse há para fornecer!

Já se dispõe a sair,  
Desapontado, o cliente,  
Quando o criado, a sorrir,  
Tem 'ma idêia de repente.

Ligando a telefonia,  
Diz ao frêguês: — Fique. Agora  
Vou servir-lhe — quem diria? —  
Belo coelho à Emissora...

Lisboa *Trombone de Varas*

ENIGMAS EM VERSO

4) Uma noite destas  
Deu-me p'ra sonhar.  
Sonhei com deusas, fogos, festas...  
Mas eu vou contar:  
Sonhei que era um rajá oriental  
Em palácios de prata e tórres de cristal.  
Havia à entrada um vulto sem ter pés,  
Uma estátua antiga e mutilada

Rêsvés  
P'lo tornozelo.  
Era de prata, e da sagrada.  
E sobre um escalpelo,  
Em lugar dos pés, estava um homem  
Com fontes ao redor,  
Com moças que o consomem...  
.....  
Nisto acordei.  
Que confusão!...  
Algo percebem do meu *dócil* sonho?  
Não percebem? Tem graça: eu  
[também não...

Paços de Brandão  
*Ignotus Sum (T. E.—T. C. B.)*

(Ao confrade «Olho de Lince»)

5) Esta charada é irresistível,  
Tendo outra coisa ainda a complicar  
Posta no fim, tornando a terrível.  
Só *chefe* no assunto a pode achar.

Lisboa *Lérias (T. E.—T. M.)*

(Ao «Nito»)

6) Foi dentro duma charneca  
Nossa final refeição!...  
Eu casei — caso difícil —  
Com mulher de coração.

Acanhamento senti  
No comêço do namôro;  
Mas por fim foi a mulher  
Que revelou seu decôro.

Todavia, foi dum mês  
A nossa boa harmonia!...  
Minha mulher bateu asas  
Quando eu fui à «*pescaria*».

L. Marques *Silva Lima (T. E.)*

7) Se entre um fruto colocar  
Certa «nota» com fervor,  
Fácilmente há-de encontrar  
Um bem conhecido *actor*.

Lisboa *Tino de Óbidos (T. E. L.)*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

8) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Veiga (T. E. L.)



## CINEMA

## Residências de artistas



As residências dos actores de cinema conhecidos e admirados pelo público têm sido descritas frequentes vezes com grande soma de fantasia pelas revistas da especialidade, sobretudo alé-Atlântico, onde o jornalismo cinematográfico assume quasi sempre uma feição bisbilhoteira.

Nem sempre essas descrições correspondem á realidade. E compreende-se que assim seja. A imaginação dos encarregados da publicidade das firmas produtoras supre bastante vezes a falta de assunto com um desses expedientes fáceis. As próprias fotografias induzem o público em erro. Algumas que nos mostram os artistas na intimidade do seu lar, são feitas no estúdio do fotógrafo em frente dum cenário mais ou menos bem arranjado.

Entre as que se podem considerar autênticas há que considerar o gosto que nem sempre é do melhor. Convém notar que neste ponto, o actor de Hollywood sofre a influência profunda do meio em que vive. A falta de preparação estética do povo americano leza-o a confundir o fausto e a extravagância com o bom gosto.

Quasi todas as residências dos artistas da Califórnia estão edificadas nas colinas encantadoras de Beverley Hill, a pouca distância de Hollywood. Cercam-no parques viço-

Ariene Avdes na escadaria da sua residência

Muitas outras se poderiam citar e, entre elas as de Joan Crawford e Frederick March. Ambos estes artistas souberam imprimir ás suas moradias um cunho pessoal que é a nota da suprema distincção. Mas os casos contrários são numerosos e não admira que assim suceda num país onde tudo se faz em série e em que o culto do passado tem um detestável sabor de snobismo.

Scott e Campbell Black, os vencedores da corrida aérea Inglaterra-Austrália, foram filmados á sua chegada a Melbourne. O filme obtido compõe-se de 140 imagens que foram transmitidas uma a uma pela T. S. F. para Inglaterra.

As operações da transmissão duraram 68 horas e custaram cerca de mil libras por fotografia, mas tornaram possível a apresentação desse filme de actualidade ao público londrino pouco mais de três

anos, que sob aquele clima propício vegetam numa constante primavera.

Sente-se nalgumas a influência perniciosa da mentalidade do novo-rico. Outras há, porém, que revelam o gosto requintado dos seus proprietários. A casa de Ramon Novarro, por exemplo, pertence a esta categoria.

A mais célebre dessas residências é, sem dúvida, «Pickfair», onde Douglas Fairbanks e Mary Pickford viveram as horas felizes da sua vida matrimonial. Célebre apenas pelo prestígio que os dois grandes artistas lhe impuzeram e não porque constitua uma afirmação irrefutável de bom gosto, a despeito das muitas preciosidades que encerra.

Muitas outras se poderiam citar e, entre elas as de Joan Crawford e Frederick March. Ambos estes artistas souberam imprimir ás suas moradias um cunho pessoal que é a nota da suprema distincção.

Mas os casos contrários são numerosos e não admira que assim suceda num país onde tudo se faz em série e em que o culto do passado tem um detestável sabor de snobismo.



dias depois do acontecimento, o que constitue um «record» notável se se atender á distância que separa as duas cidades.

Há cerca de dois anos que Lily Damita permanecia na obscuridade, não tendo desde então interpretado qualquer filme. Esse facto, que era deplorado por todos os seus admiradores, vai ser remediado. A «Universal» acaba de a contratar para desempenhar o papel da cantora Ana

A casa de campo de Philips Holmes

cida, foi revelada por Florenz Ziegfeld e ocupa um papel de destaque no filme que se está realizando sobre a vida do famoso empresário norte-americano.

Os grandes estúdios britânicos de Elstree prepararam um filme em cores naturais. Chamar-se-á «Rádio Parada de 1935» e será uma vistosa «féerie» em que tomarão parte diversas «estrêlas» muito populares em Inglaterra.

Sujeito ás naturais hesitações dos primeiros momentos, o cinema a cores não deixa por isso de fazer progressos, o que permite prever para data breve o seu triunfo definitivo.

A empresa produtora de filmes «Século xx» tornou pública a sua intenção de adoptar ao cinema, com faustosa encenação, a célebre revista «Folies-Bergère», em que Maurice Chevalier nos vai aparecer no seu verdadeiro ambiente.

Logo que o facto se tornou sabido, a Warner Bros. que sustenta com aquela empresa uma animada competição, anunciou que vai realizar um grande espectáculo do mesmo género intitulado «Casino de Paris». Al Jolson, o conhecido cantor, será a figura principal desse filme.

«The Great Gabbo», um filme de Eric von Stroheim, feito há alguns anos, reapareceu ultimamente nos cinemas de Hollywood. Este facto parece ter chamado a atenção dos produtores para o grande actor de cinema. Tanto assim que Stroheim tem recebido algumas propostas para interpretar diversos filmes. Aceitou um papel de

destaque em «Air Devil» em que também tomam parte James Cagney e Pat O'Brien.

A elegante vivienda de Frank Morgan

Entretanto, o conhecido actor dá os últimos retoques numa espécie de auto-biografia que está escrevendo e que se intitula «Vinte anos de cinema». Calcula-se que a publicação dessas memórias venha a provocar sensação e certo escândalo nos meios cinematográficos.

Prepara-se um filme, de que Paul Muni será o protagonista e que nos mostrará um novo aspecto da guerra. A acção da obra gira em volta da vida dum herói da frente da batalha que por diversas vezes escapa milagrosamente ás balas inimigas. Após o armistício, o homem regressa á sua vida civil, mas convence-se de que devia ter morrido. Edifica sobre essa ideia uma singular filosofia em que não há lugar para o sentimento do perigo. Nada mais teme visto que nada poder perder. E é levado, deste modo, a cometer as mais audaciosas proezas.

E de calcular que, de semelhante argumento, resulte um filme cheio de originalidade.



A casa de campo de Philips Holmes





A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Ascensão Cruz Raposo e o sr. José Pedro dos Santos, por ocasião do seu casamento realizado na igreja matriz de Sines

### Jantares

No salão de mesa do Aviz Hotel, onde esteve hospedada Mrs. L. Garton ofereceu na ante véspera da sua partida para a Madeira, um jantar a que foram convivas as seguintes pessoas das suas relações:

Conde de Nova Goa, Visconde de Pôrto da Cruz, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier e filha, Dr. D. Gil de Castro (Nova Goa), Coronel Velho da Palma, Herbert Lester, Dr. Pedro de Albuquerque e esposa, Dr. João de Avelar, António de Mesquita, D. Joana de Avelar, Augusto Pinto, Capitão Oswaldo de Andrade, Mrs. Cosart, Cicil Milles e esposa, e Cecil Garton.

— No mesmo hotel, ofereceram os engenheiros srs. Couto dos Santos, director geral dos Correios e Telegrafos, Vaz Pinto e Duarte Calheiros, um jantar em honra dos srs. Montgomery e Blair, tendo sido convivas, além dos homenageados e de suas esposas, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Sampaio e Melo e D. Maria Vaz Pinto.

### Casamentos

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Catarina Murteira de Matos Fernandes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Izilda de Sousa Murteira de Matos Fernandes e do sr. Miguel Joaquim de Matos Fernandes, com o segundo tenente médico sr. dr. Rui Terenas Latino, filho da sr.<sup>a</sup> D. Estrêla Terenas Latino e do coronel de cavalaria sr. Manuel da Costa Latino, comandante do regimento de cavalaria n.<sup>o</sup> 2, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida Júlio Diniz, um finíssimo lanche da Pastelaria Ferrari, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

Na assistência notavam-se as sr.<sup>as</sup>:

D. Maria de Matos Fernandes Franco de Sousa, marquesa do Funchal, D. Catarina de Sousa Melo Murteira, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Inácia Fernandes Homem e filhas, D. Matilde Quintanilha Pinto e filha, D. Adelaide de Melo, D. Maria Estrela Terenas Latino e filha, D. Maria Adelaide de Noronha de Castelo Branco, D. Beatriz Baptista, D. Maria José Fernandes, D. Adelaide Pe-

# VIDA ELEGANTE

reira Castelo Branco, D. Maria Rita de Sousa Carvalho (Ervideira), D. Sofia Buzaglio Paiva Raposo, D. Maria Emilia Perestrelo, etc.

E os srs.:  
Leopoldo Queimado Franco de Sousa, marquês do Funchal, coronel Manuel da Costa Latino, dr. Gabriel Pinto, Tomaz de Paiva Raposo, Adriano Murteira, engenheiro Raimundo de Quintanilha Pinto, dr. Carlos de Roma Machado de Paiva Raposo, engenheiro João Manuel Terenas Latino, dr. Praça Cunha, Joaquim Santos Correia, Alberto Fernandes Moreno, Afonso da Costa Marques, Manuel Antonio da Costa, etc.

— Em Sines, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Ascensão Cruz Raposo, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Ana Elias Raposo e do sr. José Bento Raposo, com o sr. José Pedro dos Santos, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida Pereira dos Santos e do sr. José Pereira dos Santos, já falecido.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Gertrudes Maria da Cruz Pereira, tia da noiva e D. Maria José Vaz Pereira de Matos e padrinhos o pai da noiva e o sr. Dr. Cândido Adelino de Matos Vieira.

Celebrou o acto religioso o reverendo Conego Rebelo dos Anjos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Marques.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Borges Leite, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Lidia Palmira Borges Leite e do sr. António Rodrigues Leite, com o sr. Francisco António Videira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Justina Raquel Moraes Videira e do sr. Luciano Augusto Videira.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Ana Leite Belo de Almeida e D. Margarida Nunes Sequeira Puga e de padrinhos os srs. tenente coronel Belo de Almeida e Patricio Núncio Puga.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Soledade Bebianora Correia de Carvalho, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Amélia Bebianora de Carvalho e do sr. Manuel Correia



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernandes Dourado Moreira da Cruz, com o sr. Mário Ferreira, realizado na paróquia e histórica igreja de Santa Maria e S. Miguel, em Sintra. Os noivos depois da cerimonia, com as «damas de honra», na elegante residência dos pais da noiva, a Estefânia

de Carvalho, já falecidos, com o distinto engenheiro sr. Horácio de Sá Viana Rebelo, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição de Sá Viana Rebelo e do sr. Domingos Augusto Rebelo.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Judite da Soledade Bebianora Correia do Amaral Coimbra e D. Maria da Conceição Barahona Couceiro, e padrinhos os srs. José Correia de Carvalho e o capitão tenente Jaime Heriques de Sá Viana Couceiro.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo Monsenhor Pereira dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da cunhada da noiva sr.<sup>a</sup> D. Sílvia Correia, um finíssimo lanche da pastelaria Ferrari, partindo os noivos depois para a Madeira, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Paz Figueiredo, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Florentina Tabarra de Figueiredo e do sr. Artur Teles de Figueiredo, ausente, com o sr. Manuel Fernandes Marques Júnior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Felismina da Conceição Fernandes Marques, já falecida e do sr. Manuel Fernandes Marques.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.<sup>a</sup> D. Ester Fernandes Marques Coutinho Garrido, e de padrinhos o sr. Dr. Alexandre Tabarra de Figueiredo e o pai do noivo.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, seguindo os noivos depois para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho José Joaquim, foi pedida em casamento pelo sr. João de Campos, a sr.<sup>a</sup> D. Fernanda da Costa Chaves Dias Ferreira interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Virgínia Adelaide da Costa Chaves Dias Ferreira e do sr. Jaime Dias Ferreira.

A cerimónia realizar-se-á por todo o próximo mês de Dezembro.

— Realizou-se na paróquia da Graça, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Moreira Falcão Teles, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Gomes Moreira Falcão e do capitão de infantaria sr. António Maria Falcão Teles, com o distinto aluno de medicina veterinária, sr. Esmeraldo Abreu Calado, filho da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Henriqueta da Silva Abreu Calado e do capitão da Guarda Nacional Republicana, sr. Francisco Hermenegildo Calado.

Foram madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Augusta Gomes Moreira Gonçalves Bordalo e a mãe do noivo e padrinhos o sr. José Gonçalves Bordalo e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza da Cunha e Silva Branco, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernanda da Cunha e Silva e do sr. Alvaro Branco, já falecido, com o tenente de artilharia sr. João José Domingues, filho da sr.<sup>a</sup> D. Júlia Ribeiro Domingues e do major de infantaria sr. Júlio José Domingues, já falecido.

Foram madrinhas a tia materna da noiva sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Tamagnini Barbosa, e a mãe do noivo e padrinhos os srs. Tenente Coronel João Tamagnini Barbosa, antigo ministro e tio da noiva e Alfredo José Domingues, tio do noivo.

Findo o acto religioso, durante o qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos avós da noiva, um finíssimo lanche da Pastelaria Ferrari, partindo os noivos depois para Vendas Novas, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno



# POR ÊSSE MUNDO

Os raios da morte

Rin-tin-tin premiado



RIN-TIN-TIN, o famoso cão que no cinema tem interpretado papéis de destaque, concorreu a um certame canino de Berlim e foi premiado. A gravura mostra-o momentos depois de obtida essa vitória.

Ciclone na Grécia



A pequena aldeia grega de Astakos foi ultimamente assolada por um ciclone duma violência felizmente pouco frequente no Mediterrâneo. Muitos edifícios derriuram e quatro habitantes ficaram mortos nos escabrosos.



Os dois sábios franceses que esta gravura representa construíram um aparelho que tem o aspecto dum refletor. Segundo afirmam, o seu invento pode emitir radiações dum género desconhecido cujos efeitos são terríveis. Trata-se dos tão falados «raios de morte», que tem sido objecto de activas pesquisas por parte de grande número de sábios. Pretendem os inventores que os seus raios têm o poder de incendiar aparelhos em pleno vôo e fazer explodir depósitos de munições.

Sufragistas francesas



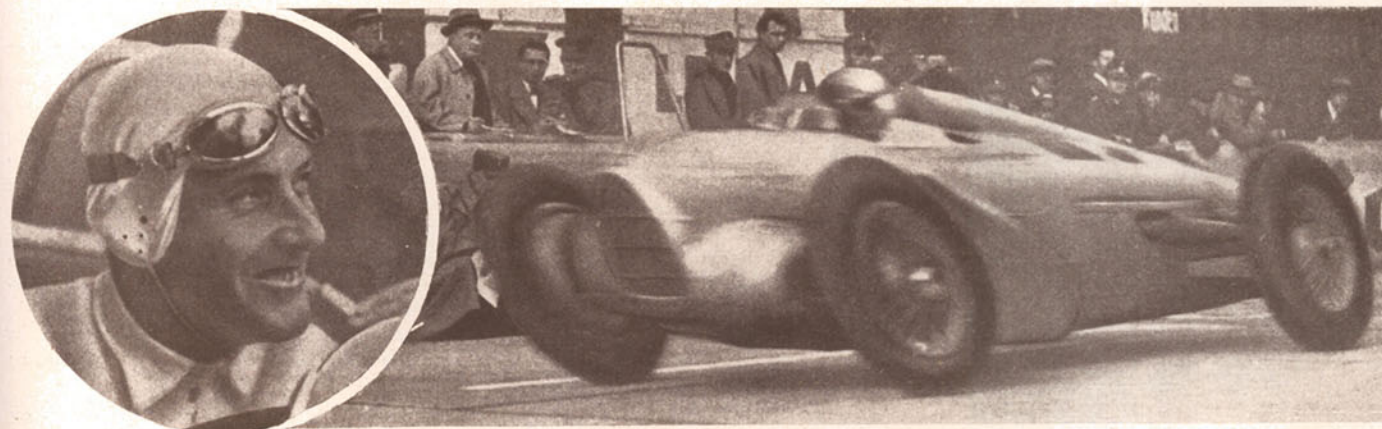
A mulher francesa pretende conquistar o direito de voto. Por ocasião do último Congresso radical e radical-socialista uma manifestação feminina percorreu as ruas de Paris com enormes letreiros em que se reivindica esse direito.

As acusações contra Hauptmann



As provas acumuladas contra Hauptmann, acusado de rapto e assassinio do bebé Lindbergh, são já esmagadoras. O seu advogado tenta esforços desesperados para encontrar um alibi que o livre da cadeira eléctrica.

Automobilista que bate cinco «records» do Mundo



O grande automobilista alemão, Hans Stuck von Villiez, realizou no fim do mês passado, em Berlim, uma audaciosa tentativa para bater alguns «records» do Mundo. Conseguiu-o com relação a cinco destes. A prova mais extensa em que se empenhou foi a dos cem quilómetros e a velocidade alcançada de 244 quilómetros e 91 metros por hora.

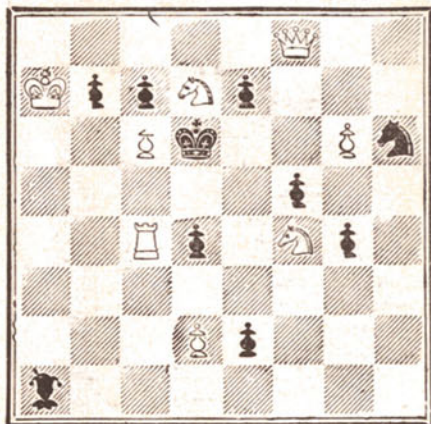


**Xadrês**

(Problema por Malachoff)

Branças 8

Pretas 10



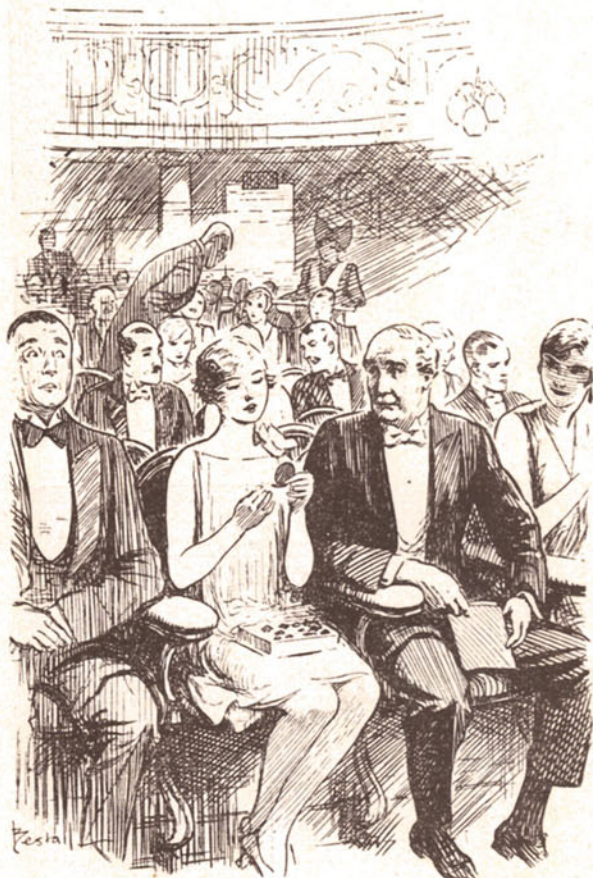
Jogam as brancas. Mate em três lances

**A sinceridade de Rossini**

Quando o célebre músico Meyerbeer morreu, um dos seus sobrinhos compôs uma missa de Requiem em sua memória e pediu a opinião de Rossini sobre o seu trabalho.

— Para lhe falar com franqueza — respondeu este — parecia-me melhor que o senhor tivesse morrido e seu tio tivesse composto a música.

**Humor britânico**



O tio (durante o intervalo): Esta peça, afinal, não é que eu esperava. Tenho medo que não seja própria para uma rapariga da tua idade.  
A sobrinha: — Não se fale, tio, deixe lá. Talvez o outro acto seja mais animado.

(Do Punch.)

**PUM DE FESTA**

**Bridge**

(Problema)

Espadas — — — —

Copas — 6.

Oiros — — — —

Paus — V. 10, 7, 5, 4.

Espadas — V. 10, 6,

**N**

Espadas — 7.

4.

Copas — 8, 7.

**O**

**E**

Copas — — — —

Oiros — — — —

**S**

Oiros — V. 6.

Paus — — — —

Paus — 8, 6, 3.

Espadas — D. 8, 5.

Copas — 10.

Oiros — 8, 3.

Paus — — — —

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer quatro vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o rei de espadas. Se O cortar com o rei ou com a dama, N balda-se a oiros; mas se O deixar passar, N balda-se ao rei de paus.

O jogo de S é cortar duas vezes oiros. Quando O deixa passar as espadas, N, à segunda vasa, corta uma carta de paus e S uma de oiros. Se O corta paus, N recorta e joga oiros. Se O corta a segunda de paus, N balda-se a oiros.

Se O cortar o rei de espadas e jogar, em seguida trunfo, N cobre e faz com que S corte oiros. S joga espadas, N corta e faz os seus dois trunfos e o rei de paus.

**Navio fantasma**

A dez quilómetros de Wainweight, ao largo do Alaska, vê-se quando o tempo está claro — o que é raro ali — um navio todo branco de neve. É o *Maud*, antigo navio polar, que serviu às explorações de Amundsen e, há uns poucos de anos abandonado, vagueia por entre as geleiras que coalam aquele mar.

Calcula-se que continuará a vaguear assim durante mais dois ou três anos, até alcançar o mar bom, entre o Spitzberg e a Groenlândia. O governo norueguês pensou em comprá-lo como relíquia, mas hesitou ante as despesas que seriam necessárias para tirá-lo do labirinto de galerias em que se perdeu.

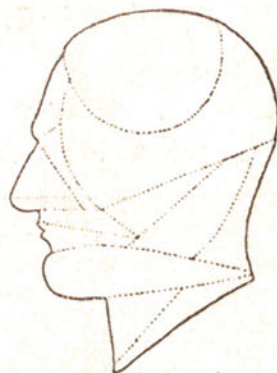
**Palavras cruzadas**

(Solução)

A	M	A	R	C	L	U	V	A
B	I	S	I	R	A	M	A	S
A	N	A	L	U	Z	A	L	I
L	A	M	Z	C	E	L		
O	M	A	L	S	O	L	O	
S	E	D	E	I	M	A	N	
L	O	I	R	O	N	E	G	A
R	A	I	A	A	T	E	U	
F	D	A	A	P				
O	P	A	U	V	A	D	I	A
Z	E	R	O	E	D	O	A	R

**Um grande homem em pedaços**

(Solução)



Como se pode ver, a cabeça a reconstruir era a de Napoleão I.



Contam os jornais ingleses que todos os anos em 17 de Outubro, na Igreja de Santa Catarina da cidade de Londres, se reza um sermão chamado o *Sermão do leão* e que se pôde considerar tradicional por datar de 1646, data em que sir John Gray foi alcaide de Londres.

Este senhor durante uma viagem em África viu-se de repente em frente de um leão que parecia querer acometê-lo. Impotente para se defender encomendou a alma a Deus e, quando voltou a si do susto, viu que o leão, que só ataca o homem quando tem fome ou em defesa, se havia afastado, deixando-o em paz.

No seu testamento sir Gray, não esqueceu o maior precalço da sua vida e inscreveu uma verba importante para que todos os anos se dissesse um sermão contando o facto.



BREVEMENTE

A nova edição

DA

## ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

## "Amo-te"

Qualquer homem estremece à vista duma pele moça, fresca e branca — o género de pele adorável que V. pode agora obter: Faça V. mesmo esta experiência com Crème Tokalon cor branca (não gorduroso). Este contém, agora, elementos adstringentes, que embranquecem e tonificam a pele, combinados com crême fresco e azeite predijeridos. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas cutâneas, aperta os poros dilatados e dissolve os pontos negros. Só em 3 dias atavia a pele com uma beleza e frescura novas e surpreendentes — impossíveis de obter por outra forma. Empregue este novo Crème Tokalon, Cór Branca, cada manhã, e observe os resultados. À venda nos bons estabelecimentos.



murmurou êle

*GRATIS — Por combinação especial com os representantes, toda a leitora desta revista pode obter este mês um novo Coffret de Belza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de «mousse de crême», (indicar a cor desejada), amostras das 4 cores de pó em voga, para ensaia-las no seu rosto, assim como um tubo de Crème Tokalon, Biocel, Alimento para a pele, Cór de Rosa, a usar de noite antes de deitar e um tubo de Crème Tokalon, Cór Branca, (não gorduroso) para de dia. Enviar quatro escudos em selos para gastos de alfândega, porte e registo (o Coffret é gratis), directamente para o Depósito Tokalon de Lisboa (Secção I. L. 1). Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio. É conveniente não demorar porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.*

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

## CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

## MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A aparecer brevemente

NOVO MANUAL  
DO  
ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

DOCES E  
COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com  
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

**Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00**

- |  |   |  |
|--|---|--|
| <p>1—<b>DA TERRA A LUA</b>, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—<b>A RODA DA LUA</b>, 1 vol.</p> <p>3—<b>A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</b></p> <p>4—1.<sup>a</sup> parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.<sup>a</sup> parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—<b>CINCO SEMANAS EM BALÃO</b>, 1 vol.</p> <p>7—<b>AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES</b>, 1 vol.</p> <p>8—<b>VIAGEM AO CENTRO DA TERRA</b>, 1 vol.</p> <p><b>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</b></p> <p>9—1.<sup>a</sup> parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.<sup>a</sup> parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.<sup>a</sup> parte—<i>Oceano Pacifico</i>. 1 vol.</p> <p><b>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:</b></p> <p>12—1.<sup>a</sup> parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.<sup>a</sup> parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p><b>A ILHA MISTERIOSA:</b></p> <p>14—1.<sup>a</sup> parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.<sup>a</sup> parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.<sup>a</sup> parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p><b>MIGUEL STROGOFF:</b></p> <p>7—1.<sup>a</sup> parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>8—2.<sup>a</sup> parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p><b>O PAIS DAS PELES:</b></p> <p>19—1.<sup>a</sup> parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>20—2.<sup>a</sup> parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>21—<b>UMA CIDADE FLUTUANTE</b>, 1 vol.</p> <p>22—<b>AS INDIAS NEGRAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>HEITOR SERVADAC:</b></p> <p>13—1.<sup>a</sup> parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>14—2.<sup>a</sup> parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>25—<b>O DOUTOR OX</b>, 1 vol.</p> <p><b>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</b></p> <p>16—1.<sup>a</sup> parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>17—2.<sup>a</sup> parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—<b>A GALERA CHANCELLOR</b>, 1 vol.</p> <p>29—<b>OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN</b>, 1 vol.</p> <p>30—<b>ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA</b>, 1 vol.</p> <p><b>A CASA A VAPOR:</b></p> <p>31—1.<sup>a</sup> parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.<sup>a</sup> parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p><b>A JANGADA:</b></p> <p>33—1.<sup>a</sup> parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.<sup>a</sup> parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p><b>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</b></p> <p>35—1.<sup>a</sup> parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.<sup>o</sup> vol.</p> <p>36—1.<sup>a</sup> parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.<sup>o</sup> vol.</p> <p>37—2.<sup>a</sup> parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.<sup>o</sup> vol.</p> <p>38—2.<sup>a</sup> parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.<sup>o</sup> vol.</p> <p>39—3.<sup>a</sup> parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.<sup>o</sup> vol.</p> <p>40—3.<sup>a</sup> parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.<sup>o</sup> vol.</p> <p>41—<b>A ESCOLA DOS ROBINSONS</b>, 1 vol.</p> <p>42—<b>O RAIO VERDE</b>, 1 vol.</p> <p><b>KERABAN, O CABEÇUDO:</b></p> <p>43—1.<sup>a</sup> parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.<sup>a</sup> parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—<b>A ESTRELA DO SUL</b>, 1 vol.</p> <p>46—<b>OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO</b>, 1 vol.</p> <p><b>MATIAS SANDORFF:</b></p> <p>47—1.<sup>a</sup> parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.<sup>a</sup> parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.<sup>a</sup> parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—<b>O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»</b>, 1 vol.</p> <p>51—<b>O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672</b>, 1 vol.</p> <p>52—<b>ROBUR, O CONQUISTADOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>NORTE CONTRA SUL:</b></p> <p>53—1.<sup>a</sup> parte—<i>O ódio de Texar</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.<sup>a</sup> parte—<i>Iustical</i>. 1 vol.</p> | <p>55—<b>O CAMINHO DA FRANÇA</b>, 1 vol.</p> <p><b>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</b></p> <p>56—1.<sup>a</sup> parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.<sup>a</sup> parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p><b>FAMÍLIA SEM NOME:</b></p> <p>58—1.<sup>a</sup> parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.<sup>a</sup> parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—<b>FORA DOS EIXOS</b>, 1 vol.</p> <p><b>CÉSAR CASCABEL:</b></p> <p>61—1.<sup>a</sup> parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.<sup>a</sup> parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p><b>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</b></p> <p>63—1.<sup>a</sup> parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.<sup>a</sup> parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—<b>O CASTELO DOS CARPATHOS</b>, 1 vol.</p> <p>66—<b>EM FRENTE DA BANDEIRA</b></p> <p><b>A ILHA DE HÉLICE:</b></p> <p>67—1.<sup>a</sup> parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.<sup>a</sup> parte—<i>Distúrbios no Pacifico</i>. 1 vol.</p> <p>69—<b>CLOVIS DARDENTOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>A ESFINGE DOS GÉLOS:</b></p> <p>70—1.<sup>a</sup> parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.<sup>a</sup> parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—<b>A CARTEIRA DO REPÓRTER</b>, 1 vol.</p> <p><b>O SOBERBO ORENOCO:</b></p> <p>73—1.<sup>a</sup> parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.<sup>a</sup> parte—<i>O coronel de Kermor</i>. 1 vol.</p> <p>75—<b>UM DRAMA NA LIVÓNIA</b>, 1 vol.</p> <p>76—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>, 1.<sup>o</sup> vol.</p> <p>77—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>, 2.<sup>o</sup> vol.</p> <p>78—<b>A INVASÃO DO MAR</b>, 1 vol.</p> <p>79—<b>O FAROL DO CABO DO MUNDO</b>, 1 vol.</p> |
|--|---|--|

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA**



**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA**

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial**

EM APÊNDICE: *O acórdão ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

**Obras de ALEXANDRE HERCULANO**

- O Bôbo** (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00
- Eurico, o presbítero**, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10\$00
- O monge de Cister**, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96\$00
- Estudos sobre o casamento civil** — 284 páginas, brochado 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado..... 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado..... 10\$00
- Cartas** (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20\$00

**Opúsculos :**

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
- » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
- » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
- » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
- » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
- » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
- » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
- » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
- » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
- » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10\$00

**Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

*Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume*

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR**

OU

**O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. .... Esc. 30\$00

PEDIDOS A

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

*Grande sucesso literário*

À VENDA O 3.º MILHAR

**É A GUERRA**

Diário da grande conflagração europeia

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 504 págs., brochado... **12\$00**  
encadernado **17\$00**



PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75

**LISBOA**

**Obras de BLASCO IBAÑEZ**

- A adega**, tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado . 10\$00
- A cafedral**, tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado 10\$00
- Cortêsã de Sagunto**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado . 10\$00
- Por entre laranjeiras**, romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado. 10\$00
- Flor de Maio**, romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado. . 10\$00
- Jesuítas**, sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado 10\$00
- Os mortos mandam**, novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado . 10\$00
- Oriente**, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado . 10\$00
- No país da Arte**, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado . 10\$00
- Terras malditas**, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado . 10\$00
- Touros de morte**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado . 10\$00

*Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume . . . . . 15\$00*

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

**Albino Forjaz de Sampaio**

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## OBRAS

DE

# JULIO DANTAS

### PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferência), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50

### POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

### TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

### Pedidos à

S. E. PORTUGAL - BRASIL  
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA





# O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**ACABA DE SAÍR**

**a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras**

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem  
produzido no campo das ciências, das artes e das letras

**É um livro de tudo e para todos**

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclare-  
cimento desejado

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de  
estudo e de consulta que deve existir em  
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres  
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,  
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



# Uma chávena de Ovomaltine á noite mantem o equilibrio do sistema nervoso

— «Muitas pessoas me tem perguntado o que faço para poder suportar tanto trabalho no teatro assim como no cinema sem arruinar a minha saude.

Alem dos exercicios que faço ao ar livre, eu acho que um dos melhores restauradores da saude, para uma vida tão extenuante como a minha, é a «Ovomaltine», pois que me tem beneficiado muitissimo.

Uma chávena de «Ovomaltine» á noite, conserva-me alem disso o equilibrio do meu sistema nervoso».

F. B.

Isto nos escreve uma estrela Inglesa do Teatro e do Cinema.

## OVOMALTINE

é a saude

A' VENDA NAS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS  
MERCERIAS

EM LATAS DE 110 grs., 250 grs. e 500 grs.

DR. A. WANDER S. A. BERNE

Unicos concessionarios para Portugal:

Alves & C.<sup>a</sup> (Irmãos)

R. dos Correios, 41, 2.º — Lisboa



*Most sincerely  
Ethel Barrymore*